

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.ccpesca.cesa.lq.usp.br/hortifruti/



BATATA

Em tempos de mão de obra cara,
por que não mecanizar?



DUPONT PROGRAMA BATATA. PREVENIR É ALIMENTAR MAIS.

**DuPont[™]
Equation[®]**
fungicida

**DuPont[™]
Curzate[®]**
fungicida

**DuPont[™]
Midas[®] BR**
fungicida

**DuPont[™]
Kocide[®] WDG**
fungicida

Aqui seu MBA é USP

MBA em Gestão Estratégica Esalq/USP

Inscrições abertas



Entre em nosso site e confira nossos MBA's

www.pecege.esalq.usp.com.br

MBA em Agronegócios Esalq/USP

MBA em Agroenergia Esalq/USP

(19) 3377 0937 - (19) 3377 0940
(19) 3377 0941 - (19) 3377 0942



Escritório I
Alexandre Herculano, 120
Sala - T4 Vila Monteiro
Cep: 13418-445

Escritório II
Av. Pádua Dias, 11
Caixa Postal - 252
Cep: 13400-970

EDITORIAL

CUSTOS EM ALTA IMPÕEM UMA GESTÃO RIGOROSA DA PRODUÇÃO E DOS INVESTIMENTOS

A análise de custo de produção da bataticultura no *Especial Batata* dos últimos anos reforça a importância de o administrador tomar suas decisões observando não somente os preços recebidos, mas todos os custos de produção, incluindo os gastos com mão de obra, insumos, manutenção e depreciação de maquinário, custos administrativos e financeiros. Sabendo o custo total de sua produção, o produtor terá condições de avaliar se a atividade está dando lucro ou prejuízo, e assim entenderá melhor a sua capacidade futura de investimento.

O agricultor que não tem uma avaliação correta de seu custo pode apurar uma margem de lucro errada e tomar decisões de investimento que não condizem com a sua lucratividade.

Um exemplo é observar a lucratividade da temporada 2013 de Vargem Grande do Sul (SP). Sem um controle apurado de custos, o produtor pode acreditar que o seu lucro em 2013 foi maior que em 2012, já que os preços da batata subiram em torno de 12,6% no período. No entanto, a margem foi igual e não maior nesta região, por conta da alta de 13% nos custos de produção. O mesmo diagnóstico pode ser feito no Sul de Minas (MG). Apesar da boa margem de lucro obtida na última safra (2012/13), ela ainda não foi suficiente para compensar os prejuízos nas temporadas anteriores.

Com os dados em mãos, o produtor também tem condições de avaliar alternativas mais econômicas frente ao alto custo de mão de obra. Nesta edição, avaliou-se a oportunidade de reduzir a mão de obra na propriedade substituindo a colheita semimecanizada pela mecanizada. Isso foi possível por conta de um conjunto de dados de custos de produção apurados pela **Hortifruti Brasil** nos dois sistemas de colheita. O mesmo pode ser feito pelo próprio produtor, adaptando o modelo à sua realidade de custos. Boa leitura!



João Paulo Deleo é o autor deste Especial Batata.

Dra. Margarete Boteon
Coordenadora Científica

ALFACES AMERICANAS DE VERÃO. QUALIDADE EAGLE, FAÇA CHUVA OU FAÇA SOL.

Em parceria com produtores como o Carlos Percicoti, a Eagle Flores desenvolve um trabalho de melhoramento e aclimação das variedades para as condições brasileiras. Como resultado deste trabalho, temos excelentes materiais para verão. Com boa tolerância a chuvas, doenças bacterianas e calor.

Carlos Percicoti
São José dos Pinhais - PR



Há dois anos a empresa de sementes
que mais cresce no mercado de alfaces.



OPINIÃO



Fazer seguro agrícola é uma boa alternativa?

Quero parabenizá-los pela excelente matéria. Apenas com o objetivo de orientação para as próximas publicações sobre o tema, quando tratamos de seguros, o termo “prêmio” é o valor que o produtor paga para comprar a proteção do seguro, ou seja, o custo do seguro. Já quando há uma perda, a seguradora paga a “indenização”, que é o valor segurado ou o valor

de reposição dos bens.

Márcio Martinati – São Paulo/SP

Parabenizo a iniciativa de fazer uma matéria sobre seguro. O tema tem seus objetivos desconhecidos da grande maioria daqueles que muito precisam desse “guarda-chuva”. No Nordeste, o clima é muito quente e seco na maioria dos meses, mas é exatamente

CAPA 08



Leia nesta edição uma análise de viabilidade das colheitas semimecanizada e mecanizada na bataticultura, além dos custos de produção atualizados de Vargem Grande do Sul (MG) e Sul de Minas Gerais.

FÓRUM 37

Agentes de mercado foram entrevistados para falar da experiência da colheita semimecanizada e da mecanização total da colheita de batata.

Agradecemos ao Flávio Irokawa, que mais uma vez nos disponibilizou imagens para ilustrar esta edição.

SEÇÕES

CEBOLA		24
BATATA		25
TOMATE		26
CENOURA		28
FOLHOSAS		29
MAMÃO		30
MELÃO		31
CITROS		32
UVA		33
MANGA		34
BANANA		35
MAÇÃ		36

EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:
Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Editora Científica: Margarete Boteon

Editores Econômicos: João Paulo Bernardes Deleo, Mayra Monteiro Viana, Renata Pozelli Sabio, Letícia Julião e Larissa Gui Pagliuca

Editora Executiva:
Daiana Braga MTb: 50.081

Diretora Financeira: Margarete Boteon

Jornalistas Responsáveis:
Ana Julia Vidal (MTb: 43.126) e Ana Paula Silva Ponchio (MTb: 27.368)

Revisão: Daiana Braga e Ana Julia Vidal

Equipe Técnica: Amanda Jéssica da Silva, Amanda Rodrigues da Silva, Bruna Abrahão Silva, Fabrício Quinalia Zagati, Felipe Vitti de Oliveira, Fernanda Geraldini Gomes, Flávia Noronha do Nascimento, Henrique dos Santos Scatena, Isadora do Nascimento Palhares, Izabela da Silveira Cardoso, João Gabriel Ruffo Dumbra, Luan Novaes do Nascimento, Marina Gagliardo Pires, Matheus Marcello Reis e Rodrigo Moreira Ramos.

Apoio: FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:
ênfase - assessoria & comunicação
19 3524-7820

Impressão:
www.graficamundo.com.br

Contato:
Av. Centenário, 1080
Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429-8808
Fax: 19 3429-8829
hfcepea@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
ou para: hfcepea@usp.br

te contra a chuva em excesso que reside nosso risco e a nossa necessidade de cobertura. O desafio é fazer uma reconfiguração da tendência de cada região e maior participação do governo federal, além da discussão continuada na revista.

Felipe Paladino – Salvador/BA

Achei muito interessante a matéria. Precisamos de mais informações sobre custo e maneira do cálculo de indenização. Há muito anos, quando contratei seguro, me indenizaram de maneira errônea. As mudanças climáticas nos fizeram perder a referência dos períodos de menor risco. Agora, deixei de optar pelo seguro.

Kiyoto Kotoge – Irati/PR

Não acho que contratar seguro é a melhor alternativa, pois o banco sempre cria empecilhos. É apenas uma conta a mais para ser paga.

Jonas – Araquari/SC

O seguro agrícola é uma alternativa, pois sabemos que na agricultura existem muitos fatores que não estão sobre controle do homem, como geadas, secas, excesso de chuva, entre outros. Com o seguro, há possibilidade de recuperar o valor investido na lavoura, ou seja, o seguro agrícola não é mais uma custo para o produtor, mas sim um investimento. Acho que falta uma melhor divulgação sobre os benefícios deste serviço, pois os produtores estão “correndo” dos gastos.

Josemar de Sá – Jaíba/MG

Para receber a revista **Hortifruti Brasil** eletrônica, acesse www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade, faça seu cadastro gratuito e receba todo mês a revista em seu e-mail!

Na prática, não vejo proteção aos produtores da região do Norte de Minas Gerais. Hoje estamos em um momento crítico por deficiência hídrica, e a solução mais utilizada pelos produtores é o abandono de áreas menos produtivas (mesmo que ainda viáveis) para concentrar a água em áreas mais produtivas. Meu ponto de vista é que o seguro agrícola precisa ser menos político, passando a ser mais técnico. Outro ponto é que esse serviço não deve ser vendido como em um pacote para se conseguir financiamento, principalmente quando este financiamento exige garantias.

Artenis Jardel de Sousa Cruz – Janaúba/MG

A oferta de seguro para os hortifrutícolas é muito limitada. Acho importante que haja uma linha de financiamento específica para o setor, acompanhado de seguro agrícola.

Sannio Miranda Pereira – Rio Verde/GO

Errata:

O leitor Pedro Loyola entrou em contato com a **Hortifruti Brasil** e informou que os limites de percentuais de subvenção ao prêmio do seguro rural publicados na edição passada (setembro, nº 127) já estão atualizados para a safra 2013/14, disponíveis em http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/Seguro%20Rural/Nota%20-%20Novas%20regras%20do%20PSR%20%282%29.pdf



Colossus

Tomate Híbrido F1

FELTRIN
SEMENTES

Lançamento
Uma empresa voltada para o futuro

www.sementesfeltrin.com.br | (54) 2109.4400

ESPECIAL BATATA: GESTÃO SUSTENTÁVEL

Em tempos de mão de obra cara, por que não mecanizar?

O melhor desempenho da economia brasileira nos últimos anos elevou o custo de mão de obra rural e tornou mais escassa a força de trabalho disponível no campo. O cenário levou produtores a estudar alternativas para viabilizar a atividade com um menor contingente de trabalhadores. O foco principal no setor é mecanizar para reduzir a dependência da mão de obra durante a colheita do tubérculo, período mais intensivo de trabalho manual.

Por enquanto, a maioria dos produtores opta pelo sistema semimecanizado. O comum desse sistema entre as propriedades é o arranquio mecânico da batata no solo, utilizando-se das arrancadoras de batata, seguido de sua catação manual. No entanto, a forma de acondicionar (sacos ou *big bags*) pode diferir de produtor a produtor. Muito optam por acondicionar a batata em sacos de 50 quilos na roça. Nesse sistema, o carregamento da carga na roça e o seu descarregamento na lavadora são manuais. Já entre os produtores que preferem *big bags* (sacos que permitem acondicionar 500 quilos de batata), o carregamento e descarregamento do tubérculo são mecanizados, por meio de guinchos. Por conta dessas duas formas de carregamento/d Descarregamento da carga, o contingente de mão de obra demandado pelo sistema semimecanizado é variável: o condicionamento por saca de 50 quilos demanda mais trabalhadores que no uso de *big bags*.

Nas regiões do Sul de Minas Gerais e Vargem Grande do Sul (SP), o sistema de colheita semimecanizada é predominante. A diferença entre essas regiões é o carregamento na roça e o descarregamento do tu-

bérculo no lavador: no Sul de Minas essas atividades são realizadas manualmente, enquanto que, em Vargem Grande do Sul (SP), são mecanizadas.

O uso da mecanização em todas as etapas da colheita – desde o arranquio, catação, carregamento na roça e descarregamento no lavador – ainda é uma novidade pouco utilizada por produtores. O sistema tem despertado interesse, mas muitos agricultores apresentam ressalvas quanto à sua introdução na lavoura.

Segundo Celso Pelози, administrador do grupo de produção de batata Terra Viva, a colheita mecanizada é uma tendência. “As enormes dificuldades em adaptar as exigências da legislação trabalhista associadas à dificuldade e ao custo elevado na obtenção da mão de obra no período de colheita estão forçando produtores a mecanizar cada vez mais”. No entanto, segundo Celso, há receio de produtores pela colheita mecanizada por conta do custo elevado para aquisição do maquinário e às mudanças que passam a ser necessárias no sistema de produção.

Avaliar a viabilidade da mecanização total da colheita de batata é o desafio da **Hortifruti Brasil** neste *Especial Batata 2013*.

Vale lembrar que existem produtores no Brasil que fazem toda a colheita manualmente, assim como outras atividades da produção, como o plantio e o preparo do solo, neste caso com tração animal. Esse sistema, no entanto, não foi avaliado neste estudo, pois não tem grande representatividade em termos de produção comercial de batata no Brasil na atualidade.



Foto: Flávio Irokawa

Kasumin você conhece,
é o bactericida que cicatriza!

Kasumin é um antibiótico de ação preventiva e curativa que interrompe e cicatriza o dano da planta logo após a aplicação.*

- ▶ **DUPLA AÇÃO:** Bactericida e Fungicida com registro exclusivo agrícola.
- ▶ **AÇÃO SISTÊMICA:** Rápida absorção, excelente em épocas chuvosas. Residual prolongado.
- ▶ **ORIGEM BIOLÓGICA:** Extraído de *Streptomyces kasugaensis*.
- ▶ Excelente opção na rotação com outros produtos.

Kasumin

O bactericida que cicatriza.

ATENÇÃO

Este produto é derivado de fonte biológica, possui um baixo potencial de toxicidade e não representa risco significativo ao meio ambiente. Deve ser aplicado em condições de uso recomendadas. Evitar contato com alimentos e água potável. Evitar contato com a pele e olhos. Evitar contato com a água corrente. Evitar contato com a água de beber.

CONSULTE SEMPRE O ENGENHEIRO AGRÔNOMO VENCEDOR DO REGISTRO AGRÍCOLA.



*Consulte o representante Arysta LifeScience da sua região.



Conheça o portfólio de produtos da Arysta LifeScience para hortifruti.
www.arystalifescience.com.br



Arysta LifeScience

OS PRÓS E CONTRAS DA MECANIZAÇÃO TOTAL DA COLHEITA



ALTO CUSTO INICIAL EM MAQUINÁRIO

Optar por uma mecanização total da colheita de batata sai caro. O custo inicial para adquirir as máquinas e equipamentos é alto. Somente o conjunto trator (potência de 260 cv) e a colhedora pode custar cerca de R\$ 915.000,00. Para viabilizar a colheita mecânica é necessário ainda um sistema chamado de *roll on* para o caminhão carregar e transportar a caçamba com as batatas até a lavoura, além da adaptação das lavadoras para receber o tubérculo nesse sistema. Com todas essas considerações, o investimento sobe para R\$ 1,425 milhão. Esse investimento é 5,5 vezes mais elevado que o investimento da colheita semimecanizada.



A MAIORIA DAS LAVADORAS NÃO POSSUI ESTRUTURA DE RECEPÇÃO DE CAÇAMBAS

O produtor que opta hoje por uma colhedora de batata deve necessariamente ter uma estrutura de beneficiamento adaptada à colheita mecanizada. São poucas lavadoras atualmente que apresentam recepção de caçambas. O custo médio de adaptação das lavadoras para o descarregamento e recepção das batatas gira em torno de R\$ 300 mil, segundo estimativas dos produtores. O produtor até pode colher com *big bags* na colheita mecanizada, mas o gasto com mão de obra e o baixo rendimento tornariam o sistema inviável economicamente.



REDUÇÃO DAS PERDAS

Desde que a máquina esteja bem regulada, as perdas na colheita mecanizada são menores que as da semimecanizada. Produtores entrevistados chegaram a relatar que as perdas no sistema semimecanizado podem chegar a até 10% ou 15% da produção, enquanto no sistema mecanizado está em torno de 1%. O motivo da maior perda no sistema semimecanizado é que algumas batatas ficam encobertas após serem revolvidas do solo pela máquina, e a equipe que passa fazendo a catação não consegue enxergar todas, deixando-as na lavoura.



EFICIÊNCIA DAS COLHEDORAS

Outro ponto que ainda limita a mecanização é que as máquinas com boa eficiência hoje existentes no mercado são importadas. E produtores relatam que máquinas vindas de outros países têm alto custo de manutenção, além da falta ou demora na entrega de peças que podem gerar problemas no ritmo de colheita. Para se proteger, o produtor que está mecanizando opta por ter mecânicos capacitados para regular a máquina e um estoque de peças suficiente para não correr risco de interrupção da colheita. Uma eventual paralisação dessa máquina geraria alto risco para o produtor porque ele não conseguiria em pouco tempo substituir a catação mecânica pela manual, por conta da baixa disponibilidade de trabalhadores após o início da colheita. É necessário planejamento prévio de contratação de pessoas para a colheita.



REDUÇÃO DA MÃO DE OBRA

O custo da colheita manual de batata na temporada passada (somente o valor da catação, sem levar em conta o carregamento e descarregamento quando for manual) foi de R\$ 2,30 por saca (tomando como base o custo em Vargem Grande do Sul/SP - safra de inverno 2012). Assim, por hectare, esse custo pode alcançar cerca de R\$ 1.610,00 (considerando uma produtividade média de 700 sacas por hectare). Além do custo, a dificuldade em contratar e adaptar a legislação trabalhista atual também são pontos favoráveis à mecanização total da colheita.



TOPOGRAFIA

A topografia é outro ponto importante para viabilizar a mecanização total da colheita de batata, pois em terrenos muito acidentados há dificuldade de operar a máquina.



PREPARO DIFERENCIADO DO SOLO

O solo precisa ser preparado corretamente, com poucos torrões, ponto ideal de umidade e sem plantas daninhas.



ALTO RENDIMENTO DA COLHEITA

Uma colhedora de batata que permite a mecanização total, incluindo a catação, tem rendimento médio de 6 mil sacas por dia, segundo os produtores entrevistados. Uma colhedora semimecanizada tem um rendimento menor, de cerca de 2,3 mil sacas por dia.

Mais tempo aberto para a produtividade.

- Fungicida sistêmico eficiente até em períodos chuvosos
- Age por dentro e por fora de maneira uniforme
- O parceiro perfeito quando aplicado com Ranman
- Eficaz no controle da requeima

Se o tempo fechar, vá de Galben M.



Conheça também outras soluções FMC para Batata:

Rugby

CAPTURE
400 EC

AURORA
400 EC

agricultura
RESPONSÁVEL
Mundo de ideias e soluções

FMC

Fazendo Mais pelo Campo



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Use constantemente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Não coma nem beba e não utilize o produto que estiver deitado. Faça o Manejo Integral de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto. Utilize exclusivamente agrícola.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.

QUAL SISTEMA DE COL

Qual sistema é mais viável economicamente atualmente: o mecanizado ou o semimecanizado? Para responder essa questão, simulamos o valor do investimento de uma colheita mecanizada e de uma semimecanizada, bem como os custos operacionais relacionados a cada sistema. As duas tabelas representadas a seguir são baseadas nos custos de uma fazenda de 100 hectares localizada na região de Vargem Grande do Sul (SP). Os valores foram obtidos pelo método de Painel, que constitui em uma reunião de produtores no qual se discutem os principais gastos e investimentos na cultura. Além dos dados de Painel, a análise de viabilidade foi complementada com entrevistas com produtores que já possuem o sistema de mecanização total da colheita.

Para essa simulação, estimou-se o investimento inicial para formar um conjunto de máquinas e equipamentos para dois sistemas de colheita: semimecanizada e outra mecanizada. Na segunda coluna da tabela abaixo se encontra o conjunto mínimo de trator e implemen-

tos necessário para operar 1 máquina de colheita nos dois sistemas avaliados.

Comparando-se os investimentos fixos dos dois sistemas de colheita, o valor da semimecanizada é muito inferior ao da mecanizada. No caso da colheita mecanizada, além do custo de aquisição da colhedora propriamente, de valor elevado, o produtor ainda tem que investir adicionalmente R\$ 750.000,00 para adaptar a estrutura de colheita mecanizada: aquisição de trator com maior potência, caçambas, adaptação do caminhão com sistema de *roll on* e na recepção das caçambas nas beneficiadoras. Não foi considerado o custo do caminhão nesta simulação porque em ambos os sistemas o valor é igual. No presente estudo, foram selecionadas as principais máquinas e implementos que diferem entre os dois sistemas para o cálculo do investimento.

Há no mercado uma máquina de menor porte, fabricada no Brasil, com valor 50% inferior ao da impor-

INVESTIMENTO EM COLHEITA MECANIZADA É 5,5 VEZES MAIS CARO QUE O DA SEMIMECANIZADA

INVESTIMENTO DE UMA COLHEITA SEMIMECANIZADA

Máquinas	Quantidade	Investimento (R\$)	CARP (R\$/anual)
Trator 75 CV	1 trator	90.000,00	8.226,63
Trator 110 CV	1 trator	132.000,00	12.065,73
Colhedora de esteira semimecanizada	1 colhedora	28.000,00	2.559,40
Guincho traseiro rebocável	1 guincho	9.000,00	822,66
TOTAL		259.000,00	23.674,42

INVESTIMENTO DE UMA COLHEITA MECANIZADA

Máquinas	Quantidade	Investimento (R\$)	CARP (R\$/anual)
Trator 200 CV	1 trator	240.000,00	21.937,68
Colhedora mecanizada	1 colhedora	675.000,00	61.699,73
Caçambas	10 caçambas*	120.000,00	10.968,84
Adaptação da lavadora	1 adaptação de uma lavadora	300.000,00	27.422,10
Sistema <i>roll on</i> para o caminhão	2 <i>roll on</i> para dois caminhões	90.000,00	8.226,63
TOTAL		1.425.000,00	130.254,99

Obs: O CARP refere-se à depreciação das máquinas e equipamentos, somado o custo de oportunidade do investimento.

* 10 caçambas são o mínimo para viabilizar uma máquina de colheita mecânica.

Todos os implementos foram depreciados em 10 anos, e o custo de oportunidade do capital é de 2,5% a.a. (taxa real). Considerou-se também 20% de valor de sucata para todos os implementos.

HEITA É MAIS VIÁVEL?

tada. No entanto, segundo os produtores entrevistados, essa máquina já foi testada e não teve desempenho satisfatório. Assim, na presente simulação para a colheita totalmente mecanizada, optou-se pela máquina importada.

Para avaliar a viabilidade dos dois sistemas de colheita, calculamos a depreciação de cada investimento, denominado na tabela como Custo Anual de Recuperação do Patrimônio (CARP). Esse valor representa o quanto todo ano a batata deve gerar de receita líquida adicional para recuperar o investimento fixo exposto acima em 10 anos com um retorno do capital investido de 2,5% aa (taxa real). No geral, essa receita adicional que pode permitir a viabilidade do investimento é proveniente da economia da mão de obra que a mecanização total pode proporcionar. Uma fazenda de 800 hectares que possui duas colhedoras com o sistema mecanizado, por exemplo, tem um custo de catação anual em torno de R\$ 1,3 milhão. Isso significa que em praticamente dois anos e meio o investimento com a mecanização

praticamente se paga com a economia em contratação de mão de obra.

Por outro lado, o gasto (custo operacional) por hectare/ano é muito menor na colheita mecanizada em comparação à semimecanizada, já que não há mão de obra de catação. No caso dos custos operacionais de máquinas e implementos, levou-se em conta o gasto com peças, combustível e lubrificantes por hectare. Assim, é possível comparar os gastos por hectare ano dos dois sistemas de colheita.

A conclusão é que o sistema mecanizado de colheita tem investimento inicial elevado, mas pode se tornar viável por conta da maior economia de mão de obra quando comparado ao sistema semimecanizado. Assim, a colheita mecanizada se viabiliza dependendo da escala de produção do produtor para diluir o custo fixo desse capital. O produtor precisa ainda ter fluxo de caixa compatível com tal investimento ou linhas de financiamento disponíveis para tal empreendimento.

GASTO COM A COLHEITA SEMIMECANIZADA É MAIOR POR CONTA DA MÃO DE OBRA

CUSTO DE UMA COLHEITA SEMIMECANIZADA (CUSTO OPERACIONAL)

Máquinas	Descrição dos Gastos	Custo Operacional (R\$/ha)
1 trator 75 CV	Combustível e manutenção	71,63
1 trator 110 CV	Combustível e manutenção	105,05
1 colhedora de esteira semimecanizada	Manutenção da máquina	19,60
1 guincho traseiro rebocável	Manutenção da máquina	6,30
Mão de obra (catação)	Colheita de 700 scs/ha	1.610,00
Big bags*	64 big bags para colher 1 hectare	640,00
TOTAL		2.452,58

* No caso dos big bags, levou-se em conta que cada um dura dois anos. Estimou-se o gasto de 32 big bags ao ano. Assim, o custo total de R\$ 1.280,00 (64 big bags) foi dividido por dois.

CUSTO DE UMA COLHEITA MECANIZADA (CUSTO OPERACIONAL)

Máquinas	Descrição dos Gastos	Custo Operacional (R\$/ha)
1 trator de 200 CV	Combustível e manutenção	76,40
1 colhedora mecanizada	Manutenção da máquina	189,00
10 caçambas	Manutenção das máquinas	1,00
Adaptação da lavadora	Manutenção da máquina	12,50
2 roll on para dois caminhões	Manutenção das máquinas	3,00
TOTAL		281,90



CÁLCULO DO CUSTO DE PRODUÇÃO EM VARGEM GRANDE DO SUL

Integrantes da equipe **Hortifruti Brasil** reuniram-se com produtores pelo sétimo ano consecutivo para apurar o Custo Total de produção na região de Vargem Grande do Sul (SP) em 6 de setembro. O levantamento dos dados finais é referente à safra de inverno 2012. Também se avaliou o orçamento da safra de inverno 2013, ainda em andamento na região. O custo final da temporada 2013 será publicado no *Especial Batata* de 2014. No entanto, os resultados parciais permitem uma boa prévia sobre o comportamento dos custos da região para a safra atual.

A propriedade típica de produção de Vargem Grande do Sul teve seu perfil alterado neste ano, passando de 80 hectares para 100 hectares cultivados. O motivo é a tendência de concentração fundiária, que ocorre não apenas no setor bataticultor, mas na agricultura em geral. Além do tamanho da fazenda, houve mudança nas pulverizações, que até a safra 2012 eram terrestres e, a partir de 2013, passam a ser aéreas na maior parte das lavouras da região.

O inventário de máquinas e equipamentos para a safra 2012 é o mesmo descrito no último *Especial Batata* (nº 116, setembro de 2012). Na safra 2013, o que muda é a exclusão do pulverizador, levando-se em conta que as pulverizações são aéreas. Outra alteração no cálculo do custo de batata nesta edição

em relação à anterior está na mudança no sistema de produção. Antes, a área era exclusiva para a batata. Hoje, o produtor opta por compartilhar a mesma área, na qual utiliza parte desses maquinários, com outras culturas após o cultivo do tubérculo. Assim, a partir desse *Especial*, os custos do maquinário foram rateados entre outras culturas. Também foi adicionado nas benfeitorias um barracão, que pode ser próprio ou alugado, para armazenamento das máquinas, em uma outra área que não aquela onde é realizado o cultivo.

Os demais itens permanecem com o mesmo perfil das edições anteriores: terra arrendada, sistema de irrigação sob pivô central e serviço de beneficiamento terceirizado.

Neste Painel, a equipe consolidou os dados da safra de 2012. Assim, a produtividade média daquela temporada foi confirmada em 650 sacas de 50 kg por hectare. Além disso, alguns itens da planilha tiveram ajustes frente ao orçamento publicado no *Especial Batata* de 2012.

Considerando uma prévia da temporada 2013, produtores estimam que a produtividade deve recuar para 600 sacas por hectare, o que representa redução de 8% frente à de 2012. É o segundo ano consecutivo de menor produção na região. Quando comparado ao ano de 2011, que foi de alta produtividade, o rendimento por hectare é 20% menor.

MAQUINARIA DA PROPRIEDADE TÍPICA

A propriedade típica de batata em Vargem Grande do sul usa em suas operações:

- 3 tratores, sendo dois de 75 cv 4x4 e um de 110 cv 4x4
- 1 distribuidor de calcário de 1,2 mil kg
- 1 grade aradora
- 1 subsolador de 5 hastes
- 1 grade niveladora
- 1 enxada rotativa
- 1 plantadora, sem adubadora, de três linhas
- 1 adubadora de três linhas
- 1 aplicador de adubo para cobertura
- 1 pulverizador de 2 mil litros com barra de 18 metros
- 1 arrancadora de batatas
- 1 fresadora de três linhas
- 1 guincho hidráulico
- 1 pá carregadora
- 1 tanque micron
- 1 tanque de 6 mil litros
- 1 pick-up de pequeno porte
- 1 caminhão

Tabela 1. Custo Total de produção de batata beneficiada em Vargem Grande do Sul (SP) - Safras de inverno 2012 e 2013

Itens	2012		2013	
	(R\$/ha)	%CT	(R\$/ha)	%CT
(A) Insumos	6.888,82	26,77%	7.079,35	26,31%
Fertilizante	3.625,00	14,09%	3.694,86	13,73%
Tratamento de semente	564,35	2,19%	584,43	2,17%
Fungicida	2.031,28	7,89%	2.078,57	7,72%
Inseticida	560,56	2,18%	596,41	2,22%
Herbicida	96,65	0,38%	114,1	0,42%
Adjuvante	10,98	0,04%	10,98	0,04%
(B) Semente	5.000,00	19,43%	5.625,00	20,90%
(C) Operações mecânicas para preparo de solo	337,45	1,31%	366,5	1,36%
Grade aradora/Encorporação	101,48	0,39%	110,22	0,41%
Subsolagem	85,15	0,33%	92,97	0,35%
Enxada rotativa	77,35	0,30%	84,17	0,31%
Grade niveladora	13,12	0,05%	14,36	0,05%
Calcário	16,46	0,06%	17,98	0,07%
Plantio	43,89	0,17%	46,8	0,17%
(D) Operações mecânicas para tratos culturais e amontoa	301,42	1,17%	587,01	2,18%
Adubação	63,05	0,25%	67,9	0,25%
Amontoa	36,7	0,14%	39,11	0,15%
Pulverização aérea		0,00%	480	1,78%
Pulverização de inseticida	86,12	0,33%		0,00%
Pulverização de fungicida	98,2	0,38%		0,00%
Pulverização de herbicida	17,35	0,07%		0,00%
(E) Irrigação	638,27	2,48%	631,07	2,34%
(F) Operações para colheita mecânica (arranquio)	173,38	0,67%	185,95	0,69%
(G) Mão de obra	1.551,15	6,03%	1.617,30	6,01%
(H) Catação no sistema de colheita semi-mecanizado	1.417,00	5,51%	1.380,00	5,13%
(I) Custos administrativos	773,17	3,00%	779,85	2,90%
(J) Comercialização/Beneficiamento	4.485,00	17,43%	4.200,00	15,61%
(K) Arrendamento	2.000,00	7,77%	2.400,00	8,92%
(L) Financiamento de Capital de Giro	1.354,15	5,26%	1.402,24	5,21%
(M) Custo Operacional (CO) = A+ B +...+L	24.919,81	96,84%	26.254,27	97,56%
(N) CARP	14,08	3,16%	657,66	2,44%
Custo Total (CT) = M + N	25.733,89	100,00%	26.911,93	100,00%
Produtividade média	650 sacas/ha		600 sacas/ha	
Custo Total por saca beneficiada	R\$ 39,59		R\$ 44,85	

Fonte: Cepea



VARGEM GRANDE DO SUL: PELO SEGUNDO ANO CONSECUTIVO, QUEBRA DE PRODUTIVIDADE TEM FORTE IMPACTO NOS CUSTOS DE PRODUÇÃO

Além do aumento nos custos de produção por hectare nos últimos anos, impulsionado pelo maior custo da mão de obra e dos insumos, a baixa produtividade na região também impulsionou o custo por saca comercializada. De acordo com o engenheiro agrônomo Pedro Hayashi, o clima nos últimos dois anos foi o principal vilão da produtividade, devido ao excesso de dias nublados.

O maior impacto entre as safras 2011 e 2012 foi causado pelos defensivos, em razão da condição climática adversa. A demanda por defensivos continuou elevada em 2013 porque além do clima parecido com o de 2012, os preços desses insumos também sofreram reajustes com alta do dólar. Outro insumo que teve seu preço elevado foram os fertilizantes – a alta neste ano, porém, foi menor que a de 2012.

Outro destaque é a elevação do gasto com batatas-semente por conta do aumento do custo de produção do próprio material de replicação e da maior demanda por esse insumo.

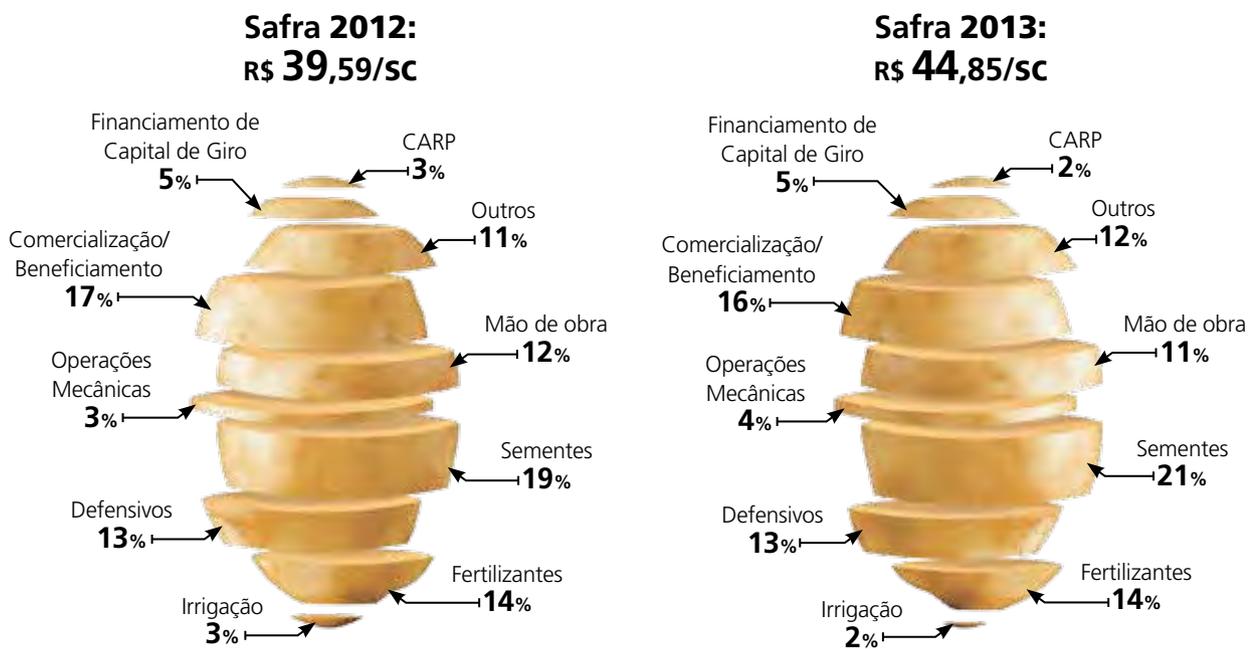
Mesmo com a redução dos gastos por hectare na colheita (catação) em função da menor produtividade nos

dos últimos anos (o pagamento é feito por saca de batata colhida), o reajuste do salário da mão de obra elevou os custos com este serviço em 2012. Em 2013, a estimativa é que o reajuste não será tão elevado por conta da menor produtividade, especialmente.

As operações mecânicas encareceram em 2013 devido principalmente à substituição da pulverização terrestre, pela aérea, que é mais cara por ser um serviço terceirizado, incluindo da mão de obra do operador, manutenção e depreciação do avião e o lucro da empresa que presta o serviço.

Com relação ao CARP, apesar da inclusão do barçamento para armazenamento do maquinário, houve queda deste custo em 2012 e 2013. Em 2012, o recuo se deu pelos seguintes motivos: rateio do CARP das máquinas entre outras culturas, queda no custo de oportunidade para o capital fixo, uma vez que a taxa de juros real recuou na média dos últimos anos, e aumento na área cultivada de batata. Já para 2013, essa redução se deu em função da exclusão do pulverizador, que é um implemento bastante caro, e foi substituído pela pulverização aérea, que é um serviço terceirizado.

CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE BATATA BENEFICIADA DE VARGEM GRANDE DO SUL – SAFRAS DE INVERNO 2012 E 2013



Fonte: Cepea. 2012: dados finais; 2013: dados preliminares da safra de inverno.

Regent® Duo

Inseticida

Proteção em dobro
contra uma das principais
pragas de solo.

0800 0192 500

www.agro.basf.com.br

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por crianças de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.



Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Inclua outros métodos de controle dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Uso exclusivamente agrícola. Registro MAPA nº 12411.

Chegou o inseticida Regent® Duo. A evolução de Regent® 800 WG para controle de uma das principais pragas de solo no cultivo da batata.

- Alta eficiência no controle de Larva-alfinete em batata.
- Ação de choque com residual de controle.
- Produto único, composto por 2 ingredientes ativos em uma formulação equilibrada.

BASF
The Chemical Company

CÁLCULO DO CUSTO DE PRODUÇÃO DO SUL DE MINAS GERAIS



Pelo quarto ano consecutivo, a **Hortifruti Brasil** realiza o Painel no Sul de Minas Gerais. A reunião com produtores e técnicos locais ocorreu no município de Pouso Alegre (MG), no dia 12 de julho. Os dados obtidos são os custos finais da temporada das águas 2012/13. Para efeito de comparação, repetiu-se o custo da temporada 2011/12, que já foi apresentado no *Especial Batata* de 2012.

O perfil típico de uma propriedade bataticultora na safra das águas do Sul de Minas Gerais mantém-se em 8 hectares. No entanto, produtores acreditam que com os bons resultados nesta última safra 2012/13, essa área pode retomar o patamar de 10 hectares na próxima temporada. As demais características da propriedade típica permanecem. A área é arrendada, não adota sistemas de irrigação – uma vez que a safra das águas ocorre no período de chuvas – e o beneficiamento é terceirizado. O inventário da propriedade típica do Sul de Minas também foi mantido pelos participantes do Painel em relação ao do ano anterior. A produtividade média na temporada 2012/13 permanece a mesma, com uma média de 600 sacas por hectare, próxima do potencial produtivo da região.

O CARP continua sendo rateado entre o portfólio de culturas do produtor. A região é a que apresenta menor inventário de máquinas já que os produtores são de pequena escala de produção. As operações de

plantio e adubação ainda são feitas manualmente.

Os valores do CARP foram revisados para a temporada 2012/13, e o custo de oportunidade para cálculo do CARP, assim como em Vargem Grande do Sul, caiu de 3,6% ao ano para 2,5% ao ano, pelos mesmos motivos descritos nos cálculos do CARP da região de Vargem Grande do Sul.

Com essa mudança no custo de oportunidade do capital fixo considerado para o cálculo do CARP, o valor das depreciações reduziu na última temporada frente à anterior, mesmo com o reajuste nos preços da maioria das máquinas e implementos. A redução por hectares foi de 9% na safra 2012/13 frente à de 2011/12. Para a próxima temporada (2013/14), o CARP pode ter uma nova redução mesmo com uma possível alta no parque de máquinas e implementos. A razão é que o módulo típico de produção deve aumentar para 10 hectares – isso permite um maior rateio do custo fixo.

Outro item que alterou no cálculo do custo de produção foi o *pró-labore* do produtor, passando de R\$ 1.500,00 em 2011/12 para R\$ 1.800,00 na última temporada. O reajuste foi feito porque o valor anterior foi considerado baixo pelos participantes do Painel. Eles afirmaram que o custo não representava a realidade da região, uma vez que, com a alta da inflação, suas despesas básicas também têm aumento. Com a alta do *pró-labore*, os custos administrativos tiveram elevação de 16% frente à temporada anterior.

MAQUINARIA DA PROPRIEDADE TÍPICA

A propriedade típica de batata no Sul de Minas usa em suas operações:

- 2 tratores de 75 cv 4x4
- 1 pick-up de pequeno porte
- 1 arado de 4 discos e 28 polegadas
- 1 grade niveladora
- 1 distribuidor de calcário de 500 kg
- 1 carreta com capacidade para 3 toneladas
- 1 enxada rotativa
- 1 subsolador de 5 hastes
- 1 roçadeira de 3 hélices
- 1 pulverizador de 2 mil litros com barra de 18 metros
- 1 arrancadora de batatas
- 1 sulcador

Tabela 2. Custo Total de produção de batata beneficiada no Sul de Minas Gerais - Safras das Águas 2011/12 e 2012/13

Itens	2011/12		2012/13	
	(R\$/ha)	%CT	(R\$/ha)	%CT
(A) Insumos	4.831,90	19,75%	5.185,50	19,69%
Fertilizante	3.131,00	12,80%	3.560,00	13,52%
Tratamento de semente	668,00	2,73%	434	1,65%
Fungicida	772,40	3,16%	874	3,32%
Inseticida	181,50	0,74%	196	0,74%
Herbicida	79,00	0,32%	81,5	0,31%
Adjuvante		0,00%	40	0,15%
(B) Semente	3.600,00	14,71%	4.200,00	15,95%
(C) Operações mecânicas para preparo de solo	673,37	2,75%	710,33	2,70%
Aração	271,04	1,11%	287,77	1,09%
Enxada Rotativa/Encorporação	239,57	0,98%	250,16	0,95%
Subsolagem	129,40	0,53%	137,08	0,52%
Calcário	33,36	0,14%	35,32	0,13%
(D) Operações mecânicas para tratos culturais	258,62	1,06%	273,39	1,04%
Adução básica	25,36	0,10%	26,78	0,10%
Adução para cobertura	19,47	0,08%	20,65	0,08%
Pulverização de inseticida	97,17	0,40%	102,71	0,39%
Pulverização de fungicida	97,17	0,40%	102,71	0,39%
Pulverização de herbicida	19,43	0,08%	20,54	0,08%
(E) Operações para colheita mecânica (arranquio)	280,30	1,15%	295,12	1,12%
(F) Mão de obra	2.708,00	11,07%	2.952,00	11,21%
(G) Catação no sistema de colheita semi-mecanizado	1.600,00	6,54%	1.980,00	7,52%
(H) Custos administrativos	1.654,32	6,76%	1.913,62	7,27%
(I) Comercialização/Beneficiamento	4.200,00	17,17%	4.380,00	16,63%
(J) Arrendamento	1.239,67	5,07%	1.239,67	4,71%
(K) Financiamento de Capital de Giro	995,08	4,07%	1.005,04	3,82%
(L) Custo Operacional (CO) = A+ B +...+K	22.041,26	90,09%	24.134,67	91,66%
(M) CARP	2.423,69	9,91%	2.196,72	8,34%
Custo Total (CT) = L + M	24.464,95	100,00%	26.331,39	100,00%
Produtividade média	600 sacas/ha		600 sacas/ha	
Custo Total por saca beneficiada	R\$ 40,77		R\$ 43,89	

Fonte: Cepea

Amistar Top. A qualidade que seu produto precisa para se destacar.

Amistar Top é o fungicida mais completo para você aumentar a produtividade e a qualidade pós-colheita da sua plantação:

- Melhor controle de doenças
- Não causa fito
- Menor período de carência
- Efeito sinérgico: praticidade e eficiência



Informe-se sobre e realize o manejo integrado de pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.syngenta.com.br



 **Amistar Top**[®]

syngenta.



SUL DE MINAS: PRODUTIVIDADE É ESTÁVEL, MAS CUSTOS TÊM INCREMENTO DE 8%

A produtividade média da safra das águas 2012/13 manteve-se nos patamares das duas últimas temporadas: 600 sacas/ha, sendo considerada uma boa média para a região. Com a produtividade estável, o reajuste tanto por saca quanto por hectare foi igual: 8% frente à temporada das águas anterior.

O destaque em termos de elevação dos custos foram as sementes. O aumento do preço na comercialização do tubérculo acaba impulsionando os valores do material de replicação. As sementes apresentaram um gasto de R\$ 600,00 a mais por hectare em relação ao ano anterior, com alta de 17%. O preço mais alto dos fertilizantes também impulsionou os gastos por hectare desse insumo, re-

gistrando alta de 14% frente à safra passada.

A maior competição por mão de obra durante a colheita, aliada ao reajuste do salário mínimo dos funcionários fixos, também elevou o custo da mão de obra – o aumento foi de 14,5%.

Quanto aos defensivos, no total desse grupo houve um aumento de 4% nos gastos. Um dos motivos da alta foi a perda de valor do Real frente ao dólar, já que os preços são atrelados à moeda norte-americana. Outro motivo foi o clima mais chuvoso na temporada, que elevou o gasto com fungicidas, sendo o item do grupo com maior alta (13%). No entanto, desse grupo, o gasto com o tratamento das sementes reduziu 35%, devido à substituição de um dos componentes por outro de menor custo.

QUANTO MAIOR A ESCALA DE PRODUÇÃO, MAIOR

Concluiu-se nesta edição que mesmo com elevados investimentos iniciais, dependendo da escala de produção, a opção da colheita mecanizada atualmente é mais viável que gerenciar um elevado contingente de trabalhadores no momento da colheita. Se a baixa taxa de desemprego se mantiver nos próximos anos no País, será cada vez mais custoso e difícil recrutar um elevado contingente de pessoas para a atividade de colheita no setor bataticultor.

A simulação do gráfico ao lado leva em conta qual é a área mínima que viabiliza o custo da mecanização total em comparação ao gasto com mão de obra de catação do sistema semimecanizado. É importante considerar que há outros custos relacionados à colheita mecanizada que não estão inclusos na simulação do gráfico ao lado, como a exigência de elevados estoques de peças importadas e profissionais próprios para a manutenção dessas máquinas, entre outros itens. Incluindo esses gastos, a área mínima viável pode ser superior a estimada no gráfico ao lado.

Foram simulados para cada escala de produção (área em hectares) o custo da catação manual por safra e o custo total da mecanização (custo operacional + CARP: depreciação anual da máquina por 10 anos), também por safra.

Os dados de custo já foram expostos nas páginas 12 e 13. O ponto de equilíbrio entre os dois sistemas de colheita ocorre quando o custo de catação equivale ao custo total da mecanização em uma safra. Vale lembrar que o custo total da mecanização contabilizou a depreciação anual do investimento com os maquinários (CARP) e os gastos operacionais das máquinas em uma safra (combustível, lubrificantes e manutenção das máquinas e equipamentos).

A simulação mostra que quanto maior a escala da fazenda, principalmente acima de 100 hectares, mais viável torna-se a colheita mecanizada em relação à catação manual, levando em conta o retorno do investimento no conjunto de máquinas para colheita mecanizada em 10 anos (depreciação anual no valor de R\$ 130.254,99). Se o produtor deseja que o investimento seja recuperado em menor tempo, por exemplo 5 anos, a área mínima viável para retornar o investimento da colheita é acima de 150 hectares.

No geral, a colheita mecanizada se viabiliza dependendo da escala de produção do produtor para diluir o custo fixo desse capital. O produtor precisa ainda ter fluxo de caixa compatível com tal investimento ou linhas de financiamento disponíveis para tal empreendimento. ■

CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE BATATA BENEFICIADA DO SUL DE MINAS GERAIS – SAFRA DAS ÁGUAS 20011/12 E 2012/13

Safra 2011/12:
R\$ 40,77/SC



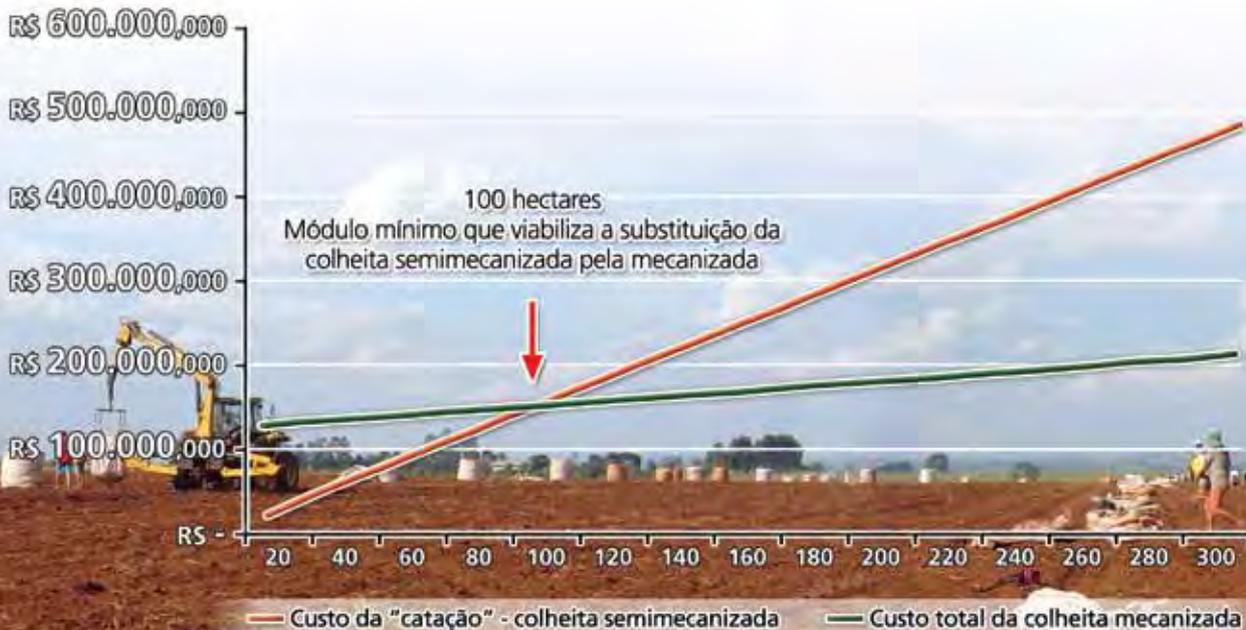
Safra 2012/13:
R\$ 43,89/SC



Fonte: Cepea

É A VIABILIDADE DA COLHEITA MECANIZADA

Qual é a área mínima que viabiliza a aquisição de um sistema de colheita mecânica levando em conta a economia da mão de obra?



Fonte: Hortifruti Brasil/Cepea



Preço atinge menor patamar do ano no atacado de SP

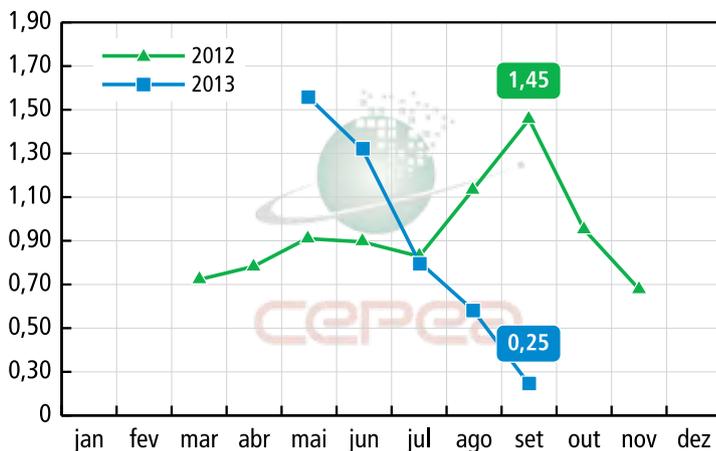
Cotações pressionadas por maior oferta

Os preços da cebola comercializada na Ceagesp atingiram o menor valor observado neste ano, até o momento, em setembro. Segundo atacadistas, o excesso de oferta do bulbo tem pressionado as cotações. As principais regiões que ofertaram ao atacado no mês passado foram as praças paulistas de Monte Alto e São José do Rio Pardo e o cerrado mineiro e goiano. Em média, a cebola classificada como caixa 3 foi comercializada na Ceagesp em setembro por R\$ 19,25/sc de 20 kg, queda de 35% em relação ao valor de agosto. No mesmo período do ano passado, o cenário era de baixa oferta, e bulbo era comercializado no atacado paulistano, em média, por R\$ 33,28/sc de 20 kg.



Preços em baixa em Irecê

Os bulbos ofertados pela região de Irecê (BA) registraram o menor preço observado nos últimos cinco anos em setembro, em termos nominais. A desvalorização reflete o excesso de oferta nacional do produto. Isso porque, além da cebola colhida pelos produtores baianos, Irecê também compete com a cebola de outras praças, principalmente do Vale do São Francisco, Mossoró (RN) e Cerrado mineiro e goiano. Em setembro, a média da cebola comercializada em Irecê



Preço recua com excesso de oferta

Preços médios recebidos por produtores do Vale do São Francisco pela cebola IPA-11 na roça - R\$/kg

Fonte: Cepeca

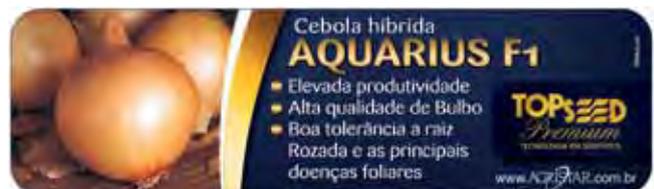
foi de R\$ 0,25/kg na roça, queda de 117% em comparação com o preço de agosto. A expectativa é que a oferta só comece a reduzir nas últimas semanas de novembro.

Fiscalização em São José do Rio Pardo atrasa colheita

Em setembro houve atraso de cerca de 15 dias na colheita de parte da área da região, devido a problemas com fiscalização. Dessa forma, o encerramento da temporada paulista, que era previsto para a primeira metade deste mês, deve ocorrer somente no início de novembro. Apesar disso, o volume de bulbos ofertados pelas praças paulistas ainda foi elevado em setembro. A média da de preço da cebola em São José do Rio Pardo foi de R\$ 0,37/kg ao produtor em setembro, valor 80% inferior ao de agosto e 200% menor que o de setembro do ano passado, quando o produto obteve preço médio de R\$ 1,11/kg.

Safra paulista deve encerrar com preços baixos

A safra 2013 de Monte Alto e São José do Rio Pardo (SP) deve finalizar em novembro, com resultados abaixo do esperado por produtores dessas regiões, mas ainda no azul. O preço médio da cebola desde o começo da temporada, em julho, até setembro, foi de R\$ 0,56/kg, valor 54% inferior à média do mesmo período do ano passado. Apesar disso, a cotação no acumulado desta safra superou em 17% o mínimo estimado para cobrir os custos com a cultura no período. A desvalorização do produto na safra 2013, frente a 2012, ocorreu em razão da maior oferta, reflexo do aumento de área plantada e de condições climáticas mais favoráveis. A área plantada na safra 2013 foi 5% maior em Monte Alto e 3% superior em São José do Rio Pardo, em comparação à temporada passada. Com os baixos preços do bulbo observados nos últimos meses, produtores mostram-se desanimados a investir na cultura na próxima temporada.





Preço cai em setembro, mas resultado é positivo em Vargem Grande do Sul

Vargem Grande do Sul encerra colheita

A tradicional região produtora de batata de Vargem Grande do Sul (SP) termina a colheita de inverno em outubro. A região é responsável por grande parte dos tubérculos ofertados no mercado brasileiro entre julho e outubro. Nesta safra, embora o período inicial do cultivo tenha sido prejudicado por chuvas, a colheita ocorreu no calendário habitual. Isso porque, devido aos altos preços da batata em julho, produtores optaram por antecipar a colheita de parte dos tubérculos. A oferta foi intensificada na região a partir de agosto, o que, junto com o elevado volume de Cristalina (GO), pressionou as cotações, principalmente em setembro. Ainda assim, produtores tiveram mais um ano de rentabilidade positiva em Vargem, mesmo com uma quebra de 15% a 20% na produtividade, que ficou na média de 30 t/ha, prejudicada principalmente por dias nublados no período desenvolvimento. Até o final de setembro, quando 93% da área havia sido colhida, o preço médio da batata beneficiada ponderado pela classificação e calendário foi de R\$ 55,36/sc na praça paulista, 42% acima do valor mínimo estimado para cobrir os custos de produção.



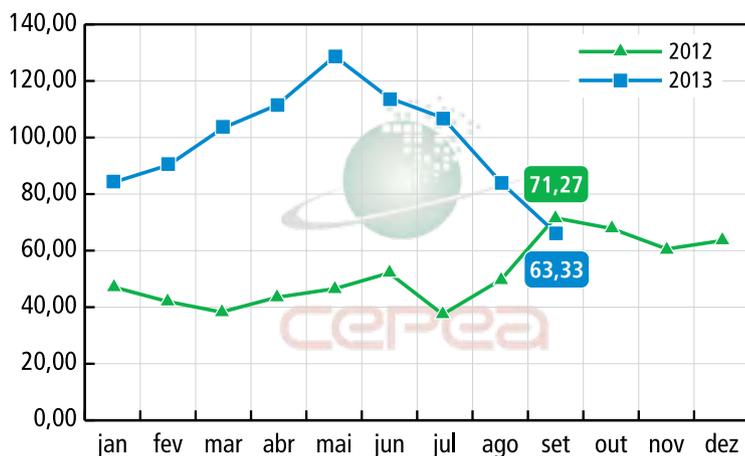
Guarapuava tem pico de plantio em outubro

Após iniciar o cultivo timidamente em agosto, com 5% da área total da temporada, em se-

tembro produtores de Guarapuava (PR) concluíram metade do plantio da primeira parte da safra das águas 2013/14. A expectativa é que a metade restante seja plantada em outubro caracterizando o mês como pico do cultivo. Até meados de setembro, as atividades de campo vinham sendo realizadas lentamente, por conta de temperaturas muito baixas, que chegaram a 2°C negativos, e do clima seco na região. Além disso, geadas em Campo Mourão, no norte do Paraná, ocasionaram perdas de áreas de batata-semente, que já estava escassa devido aos elevados preços do tubérculo no mercado, e reduziu ainda mais. A partir da segunda quinzena de setembro, contudo, produtores conseguiram dar mais ritmo às atividades. A perspectiva ainda é de aumento de área na região de Guarapuava, no entanto, essa estimativa só poderá ser confirmada no fim deste mês, com a finalização das atividades de plantio. Com a maior concentração do cultivo neste ano, a colheita da primeira parte da safra da região, que geralmente é concentrada em dezembro, deverá se concentrar ainda mais no período.

Regiões paranaenses concluem plantio das águas

O plantio para a safra das águas 2013/2014 foi finalizado nas regiões paranaenses de Irati, Curitiba, Ponta Grossa e São Mateus do Sul. No geral, o término das atividades foi antecipado em cerca de 20 dias em relação às safras anteriores nas praças paranaenses. Isso por conta de condições climáticas favoráveis (clima seco), principalmente. Aliado a isso, produtores dessas regiões desejam encerrar a colheita de batata mais cedo para realizar o cultivo de outros produtos, tais como soja e feijão. O pico de plantio ocorreu em setembro, quando 70% das atividades foram realizadas. Assim, a concentração da colheita está prevista para dezembro. Dentre essas regiões, a única que não deve ter expansão de área de batata é Irati, devido à competição por área com a cultura da soja e aos altos valores de mão de obra.



Preço em setembro continua caindo

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepea





Produtores se preparam para safra de verão

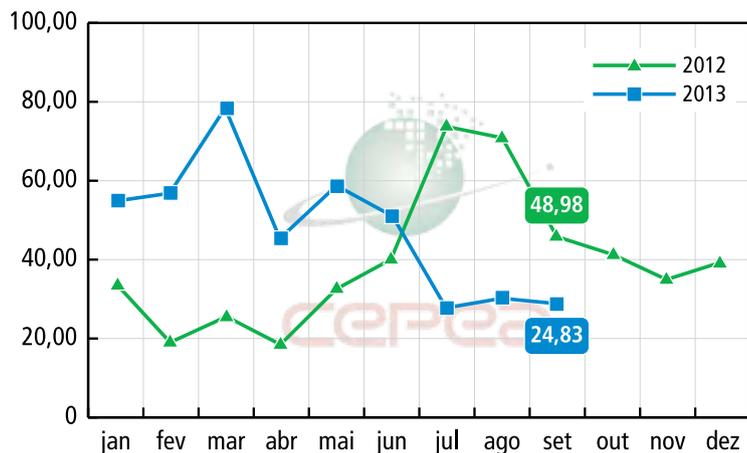
Transplântio da safra de verão em andamento

O transplântio para a temporada de verão 2013/14, que se iniciou em agosto nas regiões de Itapeva (SP), Venda Nova do Imigrante (ES), Nova Friburgo (RJ) e Reserva (PR), já pode ser observado em quase todas as regiões que participam do calendário da safra. Em Caxias do Sul (RS), Caçador (SC) e no Agreste Pernambucano, os agricultores começaram a levar as mudas para o campo em setembro. Nas praças do Sul do País, o calendário é um pouco mais tardio, porque os tomaticultores temem a ocorrência de intempéries climáticas em agosto. Na região nordestina, há preocupação com a seca, que se intensifica no período do inverno. Já em Urubici (SC), onde foi registrada a ocorrência de frio intenso, chuvas e geadas em setembro, o transplântio deve se iniciar somente neste mês. Nos últimos dois meses, aproximadamente 23% do total das mudas previstas para a temporada de verão foram levadas a campo. Por conta dos bons resultados da safra de verão 2012/13, a expectativa é de cerca de 5% de aumento na área desta safra. No entanto, essa estimativa ainda irá se confirmar ao longo do transplântio, que segue até fevereiro/14.



Importação de atomatados cresce em agosto

A importação brasileira de atomatados cresceu 17% em agosto, em relação a julho, segundo dados da Secretaria de Comercio Exterior (Secex).



O aumento contraria a expectativa de que o volume importado começaria a diminuir a partir do segundo semestre, dada a maior área de cultivo de tomate para a indústria no País neste ano. Entretanto, segundo colaboradores do projeto Hortifruti/Cepea, em Goiás, onde a área para indústria teve maior crescimento em relação ao ano passado (18,6%), a produtividade das lavouras está baixa em razão de ataques da lagarta *Helicoverpa armigera*. Com alto potencial de reprodução, a praga tem migrado da cultura de grãos para a de tomate e vem demonstrando resistência aos inseticidas comumente utilizados. Por conta disso, o volume colhido nas áreas de produção do estado não tem sido suficiente para abastecer os estoques da indústria, que estão baixos desde o fim do ano passado.

2ª parte da safra de inverno entra em pico de colheita

A partir de outubro, com o início da colheita nas regiões de Sumaré (SP) e Norte do Paraná, é configurado o pico de colheita da segunda parte da safra de inverno 2013. O volume ofertado também será elevado nas outras regiões que participam da segunda parte da temporada de inverno, tais como Paty do Alferes (RJ) e Sul de Minas Gerais. Neste ano, a área cultivada no período deve ser 1,5% maior que a de 2012, passando de 10,6 para 10,75 milhões de pés cultivados. Segundo agentes do setor, o rendimento das lavouras que estiveram em colheita em setembro foi média, com média de 275 caixas colhidas a cada 1.000 pés. Esse rendimento deve se aumentar ao longo deste mês, dado o bom desenvolvimento das lavouras que entram em colheita. Já os preços seguiram em patamares não tão remuneradores em setembro, com a caixa de 23 kg do tomate salada sendo negociada em média a R\$ 11,39, valor ponderado pela classificação do fruto (1A ou 2A), inferior ao custo estimado para a produção no mesmo período – R\$ 18,75/cx. O pico de oferta deve seguir até o fim de novembro, e o ritmo das atividades reduz em dezembro, mês de encerramento de safra.



Com maior produtividade, preço segue baixo

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepea



Campeões, firmes e resistentes. Colheita para entrar na história.

Fineco



BS IS 0002



BS IS 0003



BS IS 0008

LANÇAMOS NOSSA LINHA DE TOMATES PREMIUM.

Plantas com alta resistência, firmeza de frutos e alta produtividade.

Qual é a sua necessidade? Conte com a Blueseeds para fazer do seu cultivo um sucesso.

BS IS 0002
é resistente
às doenças:

Geminivirus
Mosaico do Tabaco
Nematóides galhas
Verticillium sp. raça 1
Fusarium raça 1 e 2.

BS IS 0003
é resistente
às doenças:

Geminivirus
Mosaico do Tabaco
Nematóides galhas
Verticillium sp. raça 1
Fusarium raça 1, 2 e 3

BS IS 0008
é resistente
às doenças:

Fusarium raça 1 e 2
Geminivirus
Mosaico do Tabaco
Nematóides galhas
Verticillium sp. raça 1
Virus do vira cabeça

Blueseeds

Distribuidor  no Brasil.

Av. Nicomedes Alves do Santos, 475 | Uberlândia - MG - Tel: +55 (34) 3217.3110

www.blueseeds.com.br



Vai chover na Bahia!

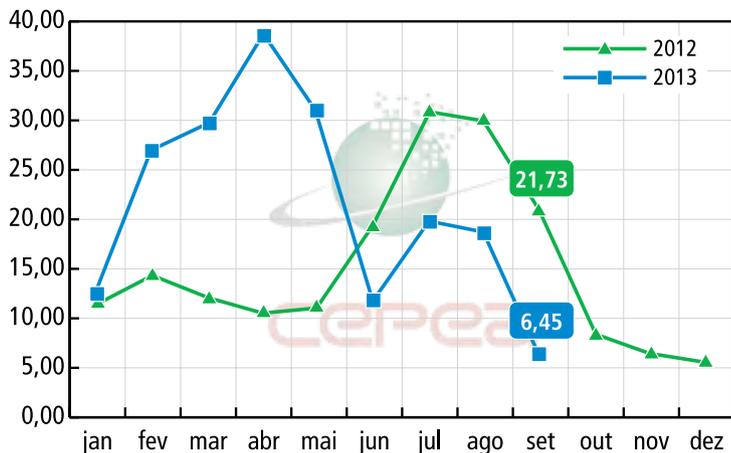


Chuvas devem voltar ao Nordeste em outubro

Deve voltar a chover no Nordeste em outubro, após um longo período de seca na região. Segundo a Somar Meteorologia, as precipitações neste mês ainda serão de baixa intensidade, mas, mesmo assim, trazem ânimo a produtores da região baiana de Irecê e João Dourado. A perspectiva é que o volume pluviométrico aumente em novembro, contribuindo para a elevação dos níveis dos reservatórios de água da região, que estão baixos desde o ano passado. O retorno das chuvas no Nordeste é muito esperado por produtores locais e deve favorecer a produção não somente de cenoura, mas de diversas outras culturas que vinham sendo prejudicadas pela intensa falta d'água. Segundo produtores consultados pelo projeto Hortifrut/Cepea, com as precipitações, espera-se que a qualidade das raízes ofertadas pela região baiana melhore nos próximos meses, o que pode favorecer as vendas. Se a previsão de chuva se confirmar nos próximos meses, produtores da região baiana poderão inclusive aumentar os investimentos na cultura no primeiro semestre de 2014.

Cai rentabilidade do produtor em setembro

Produtores de todas as atuais regiões ofertantes de cenoura obtiveram baixa rentabilidade com a comercialização da raiz em setembro. A oferta



Boa produtividade gera queda do preço em MG

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura "suja" na roça - R\$/cx 29 kg

Fonte: Cepea

elevada no período foi o principal fator que derrubou as cotações. Na média mensal, cenouricultores mineiros de São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba receberam R\$ 6,45/cx 29 kg da raiz, 20% abaixo do valor mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura no período. Naquele mês, os preços ficaram abaixo do custo também nas regiões do Paraná (Marilândia do Sul, Apucarana e Califórnia), Rio Grande do Sul (Caxias do Sul, Antônio Prado e Vacaria), Goiás (Cristalina) e Bahia (Irecê e João Dourado). Até o fim de outubro, quase 70% do total esperado para a safra de inverno 2013 já deve ter sido ofertado por praticamente todas as regiões que participam do calendário da temporada. O restante deve ser colhido até o fim de dezembro. A exceção são as praças gaúchas de Caxias do Sul, Antônio Prado e Vacaria. Por conta das baixas temperaturas no Rio Grande do Sul, a temporada de inverno é mais escalonada na região e deve seguir até março de 2014. Apesar dos resultados insatisfatórios aos produtores em setembro, na média da safra de inverno 2013, a rentabilidade deve ser positiva.

Cotações atingem menor patamar do ano

Os preços da cenoura comercializada na Ceagesp atingiram os menores valores observados neste ano em setembro. Na média do mês, a caixa com 20 kg de cenoura classificada como 3A foi comercializada no atacado de São Paulo por R\$ 17,12, queda de 39,5% em relação ao preço de agosto. Segundo atacadistas consultados pelo projeto Hortifrut/Cepea, a pressão de baixa veio, sobretudo, do elevado volume de raízes ofertadas na safra de inverno 2013 pelas praças mineiras de São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba, sendo esta a principal região que abastece o atacado paulistano. Esse cenário é bem diferente do observado em setembro do ano passado, quando a caixa de 20 kg do tipo 3A da raiz fora comercializada na Ceagesp, em média, a R\$ 29,37. Em 2012, a produtividade das roças da safra de inverno foi baixa, por conta de adversidades climáticas, como chuvas em Minas Gerais e Goiás e seca e frio intenso no Rio Grande do Sul e Paraná.

SEÇÃO ELETRÔNICA CENOURA
Cadastre-se e receba preços semanais de cenoura.
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade



Começam preparativos para a safra de verão

Venda de mudas para safra de verão inicia em outubro

Produtores de alface começam a se preparar para a temporada de verão 2013/14, de olho no aquecimento da demanda por folhosas, normalmente observado a partir de janeiro. A maior parte dos agricultores deve iniciar os pedidos de mudas aos viveiristas em outubro, para começar o transplântio em novembro, quando também termina a safra de inverno. Desde agosto, viveiristas que atendem as regiões paulistas de Ibiúna e Mogi das Cruzes relataram que a procura por mudas de alface estava baixa. Esse cenário, porém, deve se inverter a partir deste mês para os produtores de mudas, que já devem se planejar para abastecer as roças paulistas nos meses seguintes. Já horticultores que fazem as próprias mudas devem iniciar o plantio das sementes ainda em outubro. A desvalorização da alface nos últimos meses deixou os produtores receosos quanto aos investimentos na safra de verão 2013/14, pois eles temem que a alface não atinja patamares tão altos de preços, quanto os observados na temporada 2012/13. Essa insegurança deve refletir na quantidade de área produzida para a safra, mas, mesmo assim, a expectativa inicial ainda é de manutenção nos investimentos frente à temporada passada.

Chuvas são acima da média histórica

Foram registrados índices pluviométricos acima da média entre maio e setembro deste ano nas



praças produtoras de folhosas do estado de São Paulo. A exceção foi o mês de agosto, quando o volume ficou abaixo do esperado. Segundo dados da Somar Meteorologia, o acumulado de chuvas nas praças de Ibiúna e Mogi das Cruzes nesses cinco meses foi de 823 mm, o que é 17% acima média histórica dos municípios. Em outubro, as precipitações também devem superar o previsto pela climatologia nas praças produtoras de folhosas. No município de Ibiúna deve chover um volume acumulado de 147 mm, superando a média de 126 mm e, em Mogi das Cruzes, 136 mm, para a média histórica é de 98 mm. O mês deve totalizar 25 dias de precipitações. Com a confirmação dessas condições climáticas, o início do plantio de mudas de alface para a safra de verão 2013/14 deve ser favorecido.



Preços devem seguir baixos em outubro

As cotações da alface devem continuar reduzidas em outubro, pois a estimativa ainda é de oferta elevada, segundo relatos de produtores paulistas. Desde meados de agosto, o preço da alface vem apresentando quedas consecutivas, por conta do grande volume produzido pelas regiões de Ibiúna e Mogi das Cruzes nesta safra de inverno. Os bons preços do produto em julho deste ano estimularam produtores a investir na cultura, aumentando a oferta e pressionando as cotações nos meses seguintes. Além disso, o clima dos últimos meses foi, em sua maior parte, favorável à produtividade das lavouras de folhosas no estado de São Paulo. Nesse cenário de volume elevado, em Mogi das Cruzes, a alface americana foi vendida, em setembro, a uma média de 7,14/cx de 12 unidades, queda de 34,08% em relação ao mês anterior. A alface crespa obteve média de R\$ 6,14/cx com 20 unidades, queda de 42,89% no período. Já a lisa foi negociada a R\$ 7,00/cx com 20 unidades, baixa de 37,28% na mesma comparação. Com os preços das folhosas baixos desde agosto, os resultados finais da safra de inverno 2013, devem ficar abaixo do esperado por produtores paulistas e inferiores aos observados na temporada de inverno 2012.

Preços têm nova queda em setembro

Preços médios de venda da alface crespa no atacado de São Paulo - R\$/unidade

Fonte: Cepea





Mamão brasileiro ganha novos mercados no exterior

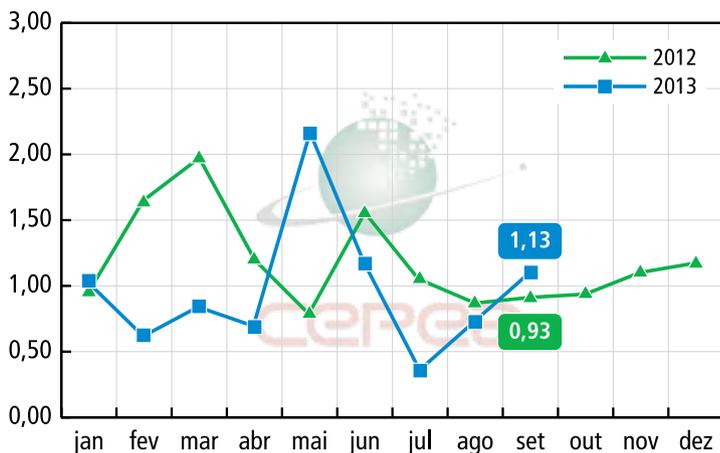
Exportações seguem elevadas em 2013

As exportações brasileiras de mamão seguem aquecidas na parcial deste ano. De janeiro a agosto, o Brasil enviou 18,9 mil toneladas da fruta, volume 9% maior frente ao mesmo período do ano anterior, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Esse total gerou receita de US\$ 27,5 milhões, valor 13% maior na mesma comparação. A União Europeia continua sendo o principal destino dos envios da fruta brasileira ao exterior, tendo absorvido 82% do volume exportado no período. Países do Mercosul, sobretudo Argentina e Uruguai, e os Estados Unidos também aumentaram as compras da fruta, em 41% e 9%, respectivamente. Exportadores brasileiros têm elevado, também, os envios de mamão a países que antes praticamente não adquiriam a fruta. Na parcial de 2013, o Oriente Médio aumentou em mais de sete vezes as importações de mamão brasileiro – houve manutenção das importações dos Emirados Árabes Unidos, mas o Catar se tornou um novo comprador. Além disso, a Irlanda voltou a comprar mamão brasileiro em 2013, o que não ocorria desde 2010. Esses mercados consumidores externos oferecem oportunidades de crescimento de venda aos exportadores brasileiros.



Oferta deve ser estável a partir de outubro

A oferta de mamão deve seguir estável nos próximos meses. No geral, a previsão é que as



Havaí tem nova valorização em setembro

Preços médios recebidos por produtores pelo mamão havaí tipo 12-18 - R\$/kg (exceto RN)



Fonte: Cepeca

chuvas fiquem dentro da normal climatológica até novembro, com temperaturas levemente acima da normal para todas as regiões, segundo o Cptec/Inpe. Neste cenário, o amadurecimento da fruta pode ser favorecido, o que já foi verificado no final de setembro, segundo produtores. Até então, um bom volume de mamão mais verde vinha sendo ofertado no mercado doméstico. De julho a meados de setembro, a disponibilidade de mamão para comercialização esteve menor por conta da temperatura mais baixa. Somando-se a isso, o “pescoço”, observado em todas as regiões produtoras no período, também causou queda na oferta.

Custos têm aumentado em 2013

Apesar do aumento dos preços do mamão na parcial de 2013 frente ao ano anterior, os custos também subiram. De acordo com produtores, a média dos gastos de janeiro a setembro para o mamão formosa do Sul da Bahia, por exemplo, aumentou 17% frente à do mesmo período do ano anterior. No geral, mamoneiros tiveram que intensificar o ritmo de pulverizações para tentar conter a incidência de doenças causadas pelo clima, como pinta-preta, com o excesso de chuvas, e mancha fisiológica, causada pelo clima quente e seco. Além disso, o encarecimento da mão de obra também tem onerado a produção.

Produtividade média cai no Norte de MG

Mamoneiros do Norte de Minas Gerais têm relatado queda produtividade de janeiro a setembro frente ao mesmo período de 2012. A redução foi de 10% para o mamão formosa no período. O clima quente e seco no início do ano causou abortamento de flores. Posteriormente, as temperaturas mais baixas, principalmente durante julho e setembro, também impactaram na produtividade. Além do clima, o rendimento tem sido afetado pelo fato de o solo ser arenoso em algumas regiões do norte mineiro, com menor estoque de nutrientes que, somado à seca, diminui o potencial produtivo do mamoeiro.





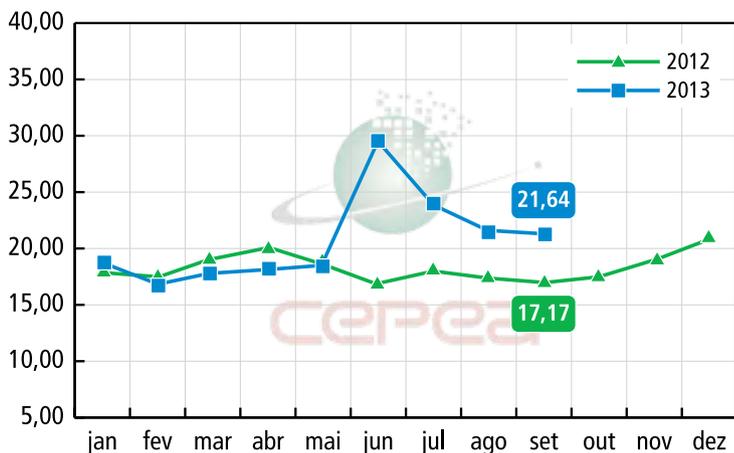
Exportações seguem em alta

Mercado exterior receptivo ao melão brasileiro

A exportação de melão segue aquecida na temporada 2013/14. Em agosto, as vendas externas totalizaram 7,2 mil toneladas, 8% mais que no mesmo mês de 2012, segundo a Secex. Em valores monetários, o total foi de US\$ 5,9 milhões em agosto, 14% a mais na mesma comparação. No geral, os preços do melão estão maiores nesta safra. No porto de New Covent Garden, no Reino Unido, o melão amarelo brasileiro foi negociado em média a US\$ 14,20/cx de 10 kg entre agosto e setembro, valor 2,7% superior ao do mesmo período de 2012, segundo dados do AMS/USDA. Com o dólar em alta, exportadores também têm ganhado mais em Real. O melão nacional tem sido escoado sem dificuldades à União Europeia. A oferta de melões produzidos no continente esteve reduzida. Com isso, a fruta brasileira, que está com qualidade satisfatória, tem ganhado espaço no mercado europeu.

Vale intensifica cultivo de olho no final do ano

Produtores do Vale do São Francisco (BA/PE) estão animados com a cultura neste ano devido aos bons preços, sobretudo nos últimos meses. Além disso, o clima quente e seco tem sido favorável ao cultivo. Produtores têm aumentado a área cultivada fora da safra principal (abril a julho), especialmente para colheita do final do ano. O plantio de melão



esteve lento nos últimos meses, cenário típico de entressafra. Porém, entre o final de setembro e o início de outubro, o cultivo foi intensificado para o mercado do final de ano. Entre agosto e dezembro de 2013, 50% da área que foi colhida na safra principal deve continuar em atividade, o que é elevado para o período. Outro fator a se considerar é que produtores do Vale têm investido em tecnologia, no intuito de melhorar a qualidade e a produtividade. Neste ano, por exemplo, tem sido observado maior proporção de uso de sementes F1. Neste cenário, a oferta de melão pode ser maior que a de 2012 para o final do ano.

Finaliza safra da Espanha em outubro

A safra de melão 2013 da Espanha, que iniciou com atraso em abril, deve encerrar em outubro. A estimativa é que tenham sido produzidas 885 mil toneladas no país, 3% a mais frente a 2012, segundo o Ministério de Agricultura, da Espanha. Mesmo com problemas climáticos no início da safra, a produtividade esteve satisfatória – produziu-se mais em uma área 3,9% menor, de 27,2 mil hectares. Quanto aos preços, estiveram mais altos que no ano passado. No porto de New Covent Garden, no Reino Unido, o melão amarelo espanhol foi comercializado em média a US\$ 10,05/cx de 10 kg de abril a setembro, 4% acima das cotações do mesmo período de 2012, segundo o AMS/USDA.



Oferta deve aumentar em outubro

O Rio Grande do Norte/Ceará deve estar em plena safra a partir de outubro. Assim, a oferta deve aumentar ainda mais nos mercados doméstico e internacional. No geral, os preços seguiram relativamente firmes até setembro. Os melões graúdos estiveram mais valorizados frente aos miúdos por conta da menor oferta deste tipo. A partir de outubro, porém, a oferta de melões maiores pode aumentar, o que pode pressionar as cotações.



Preço fica estável em setembro

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 na Ceagesp - R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepea

SEÇÃO ELETRÔNICA MELÃO
Cadastre-se e receba preços semanais de melão.
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade



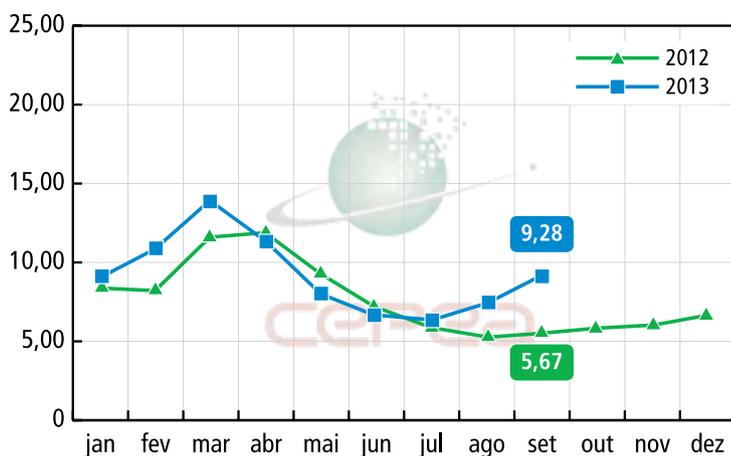
Valorização da pera reflete boa demanda industrial

Mesmo em pico de safra, pera reage 27%

Os preços da laranja pera in natura aumentaram novamente em setembro. Para outubro, a expectativa é de mais um mês de cotações firmes, mesmo com a oferta ainda elevada. De acordo com a Conab, os meses de pico de safra são justamente setembro e outubro – quase 40% da produção de laranja pode ser colhida neste período. A demanda por parte da indústria tem sido suficiente para que os preços da pera se sustentem no mercado de mesa, onde é uma das variedades mais apreciadas. Em setembro, a maioria das frutas já estava em estágio ideal de maturação, permitindo que a moagem ocorresse em bom ritmo, com poucas restrições de *ratio* e *brix*. Dessa forma, produtores entregaram boa parte da produção ao processamento, limitando a disponibilidade no mercado doméstico. Em setembro, os preços da pera de mesa tiveram alta de 27% em relação a agosto.

Laranjas da safra 13/14 ainda com baixo rendimento

A moagem de laranja da safra 2013/14 paulista está em pleno vapor, e deve se manter em bom ritmo em outubro. Em setembro, todas as indústrias operaram, inclusive aos finais de semana, com objetivo de absorver bom volume de fruta. Nota-se, porém, baixo rendimento das laranjas, considerando-se um maior número de caixas que tem sido necessário para fabricar uma tonelada de suco. O



motivo do resultado aquém do normal para o período é que as frutas estariam graúdas, mas com poucos sólidos solúveis. Esse cenário deve limitar a produção de suco na temporada. Quanto aos valores pagos pelas grandes processadoras em setembro, seguiram em R\$ 7,00/cx de 40,8 kg, posta, mas há produtores que apostam em aumento até o final do ano. As pequenas indústrias, por sua vez, já elevaram as ofertas, na tentativa de garantir maior volume de fruta – os valores em setembro ficaram entre R\$ 8,00 e R\$ 9,00/cx, posta.

Setor aguarda primeira estimativa oficial da FL

Outubro é mês de início de colheita na Flórida e de divulgação da primeira estimativa oficial da safra 2013/14. Até o final de setembro, não houve problemas climáticos que afetassem a produção daquele estado. Ainda assim, as apostas iniciais são de que o USDA estime volume de laranja inferior ao colhido em 2012/13 – 133,4 milhões de caixas. Em agosto, Elisabeth Steger previu a safra em 130 milhões de caixas. A consultora considerou 55,936 milhões de plantas produtivas no estado. Já o USDA, divulgou no censo de setembro que o número de árvores é de 57,146 milhões de plantas em produção – 2% a mais que o considerado pela Steger e 1% inferior ao publicado no censo da safra anterior. A queda pouco expressiva no número de pés da Flórida deve-se ao fato de que produtores têm buscado conviver com o *greening*.



Suco recua com ausência de danos climáticos na FL

Os preços do suco de laranja na Bolsa de Nova York recuaram em setembro. No dia 30, o contrato novembro fechou a US\$ 1.910/t, queda de 4,4% ante o mesmo dia de agosto. O principal motivo para a desvalorização foi que já se chegou à metade da temporada de furacões no Hemisfério Norte e não houve danos climáticos na Flórida.



Pera tem média 64% superior a 2012
Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja pera - R\$/cx de 40,8 kg, na árvore

Fonte: Cepea

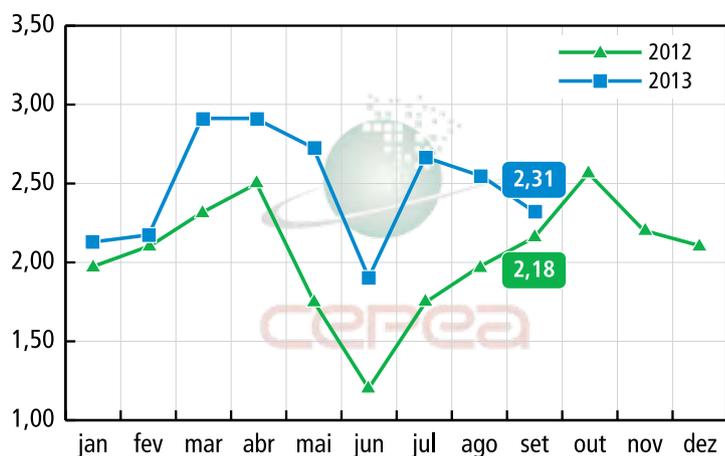
SEÇÃO ELETRÔNICA CITROS
Cadastre-se e receba preços semanais de citros.
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade



Uvas brasileiras chegam à Europa

Vale eleva colheita, mas exportação não cresce

O Vale do São Francisco deve estar em pico de colheita de uvas nos meses de outubro e novembro, e a expectativa é de oferta superior à do mesmo período de 2012. Isso porque a produtividade tende a ser mais elevada este ano, devido ao clima seco. Nesses meses, o Vale também deve intensificar os embarques de uva à União Europeia e iniciar os envios aos Estados Unidos. Com a maior produção, a expectativa é que os embarques sejam iguais ou superiores ao observado em 2012. Outro fator que poderia elevar o interesse na exportação é o câmbio mais favorável em relação ao ano passado. No entanto, a moeda brasileira valorizou em setembro ante o mês de agosto e também não está claro o patamar de preços que será praticado para a uva brasileira no mercado internacional – como a venda é consignada, exportadores seguem cautelosos. Além disso, a janela de mercado para a fruta brasileira está justa, visto que, ao menos até setembro, não houve intempéries climáticas que afetassem a colheita nos países fornecedores do bloco europeu ou na Califórnia. Já no mercado interno, a venda da uva seguiu com bom ritmo, e o preço foi remunerador ao produtor até setembro, especialmente das variedades sem semente, como a crimson. No mês passado, a crimson embalada foi negociada no Vale em média a R\$ 7,42/kg, alta de 19,1% em relação a agosto e 21,9% acima do mesmo período de 2012.



Pico de safra no Sudeste reduz preço da Itália

Preços médios recebidos por produtores pela uva Itália - R\$/kg

Fonte: Cepea

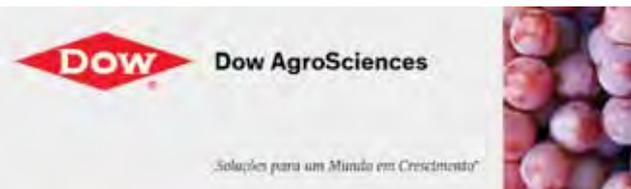


Produtores de Jales e Pirapora fecham safra com ganhos

A colheita da safra 2013 de uva deve ser finalizada entre o final de outubro e a primeira quinzena de novembro nas regiões de Jales (SP) e Pirapora (MG). Tanto para as uvas finas quanto para a niagara, a colheita ganhou ritmo em agosto, atingindo pico em setembro. Mesmo no período de maior colheita, os preços foram remuneradores ao produtor. Além disso, a melhor qualidade da fruta, favorecida pelo clima seco, ajudou as vendas. Em Jales, de agosto a setembro, o preço médio da Itália foi de R\$ 2,74/kg, valor 56,6% superior ao valor mínimo estimado por produtores para suprir os gastos com a cultura. Para a niagara, a média foi de R\$ 3,58/kg na região, 175,4% acima da estimativa de custo. O produtor constatou, também, produtividade mais elevada. Outubro deve ser o último mês de colheita e a expectativa de produtores é de preços ainda firmes. As atividades de campo deverão ser retomadas em fevereiro, com as podas.

Sul se prepara para próxima safra

Produtores de uva no Sul do País se atentam à próxima safra. No Paraná, ainda há dúvidas sobre o volume que poderá ser produzido no final de ano. Mas, no geral, produtores da região de Marialva já estimam forte perda, visto que as ondas de frio que ocorreram de julho a setembro prejudicaram os cuidados de campo. Além disso, está confirmado que a safra deverá ser mais tardia – a colheita será mais intensa em dezembro, mas seguirá até janeiro. Já a safra de uva no Rio Grande do Sul, voltada principalmente à produção de vinhos e sucos, não foi fortemente afetada pelas geadas de julho e agosto, já que os parreirais estavam em dormência. Assim, a projeção inicial do Instituto Brasileiro do Vinho (Ibravin), divulgada no início de setembro, foi de que a safra 2014 possa ser volumosa, alcançando 700 mil toneladas.





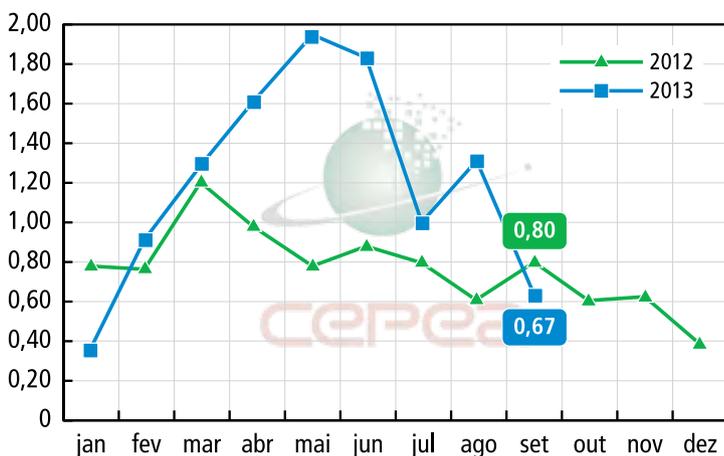
Vale e Livramento em plena colheita

Em outubro, as regiões do Vale do São Francisco (BA/PE) e de Livramento de Nossa Senhora (BA) entram em pico de safra. A expectativa é que os preços da *tommy*, principal variedade produzida no Nordeste, recuem consideravelmente, como já se observou em setembro. Já a *palmer* pode ter queda menos expressiva. Nota-se aumento dos envios de *palmer* à União Europeia, além de boas vendas no País, o que contribui para que os preços desta variedade se sustentem no mercado interno. Caso esse cenário persista em outubro, a região de Livramento deve ser favorecida, já que produtores seguem na expectativa de se capitalizarem com a *palmer*. Em Livramento, o déficit hídrico ainda preocupa – em setembro choveu apenas 33,5 mm no município baiano.



Cresce exportação à UE e aos EUA

Em outubro, os embarques de manga seguem firmes à União Europeia e aos Estados Unidos. Em agosto e setembro, os envios já estavam ganhando ritmo, devido à janela mais favorável na UE e ao início da temporada de exportação aos EUA. Em agosto, o Brasil exportou 10,1 mil toneladas da fruta, mais que o dobro do que havia sido enviado em julho, segundo a Secex. Em relação ao mesmo período de 2012, porém, houve queda de 17%, devido à menor oferta nordestina em agosto deste ano. Em



Preço da *tommy* cai em setembro

Preços médios recebidos por produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) pela *tommy atkins* - R\$/kg



Fonte: Cepeca

outubro, o pico de safra no Vale do São Francisco é o principal fator que impulsiona as exportações. Além disso, o preço externo pode ser atrativo.

Norte de MG reduz oferta, mas ainda colhe até dezembro

A colheita de manga em Jaíba e Janaúba, no Norte de Minas Gerais, iniciou no fim de março e foi expressiva até agosto. De outubro a novembro, a oferta deve ocorrer de maneira escalonada, mas parte dos produtores ainda colherá até dezembro. No geral, a manga *palmer*, que corresponde a 90% da área plantada na região, tem apresentado bons preços e produtividade este ano, o que anima produtores locais. Em setembro deste ano, a variedade teve média de R\$ 1,94/kg no Norte de Minas, 3% acima de agosto/13 e 37% superior a setembro de 2012. A expectativa é que os preços sigam relativamente firmes até o final da colheita, tendo em vista que a região busca mercado alternativos e que a disponibilidade de *palmer* está baixa no território nacional.

SP atento ao desenvolvimento dos frutos

A atenção de produtores paulistas está voltada ao desenvolvimento dos frutos que serão colhidos na safra 2013/14. Em Monte Alto/Taquaritinga, a maioria das flores abriu no mês de agosto. Assim, a colheita da *tommy* deve ter pico entre o fim de novembro e dezembro. Já a *palmer* deve ser colhida principalmente de janeiro a março. Na região de Valparaíso/Mirandópolis, por sua vez, a floração principal abriu somente em setembro, de modo que, ao contrário do que normalmente ocorre, praticamente não haverá colheita até novembro. No geral, a colheita iniciará com a *parvin* e com a *palmer*, em novembro, seguindo até março, sendo que normalmente encerra em fevereiro. Já a *haden* será colhida, em bons volumes, apenas a partir de janeiro. Com o atraso deste ano, as perspectivas iniciais para as regiões paulistas são menor volume ante o observado no ano passado, mas qualidade satisfatória.





Expectativa de boas vendas em outubro

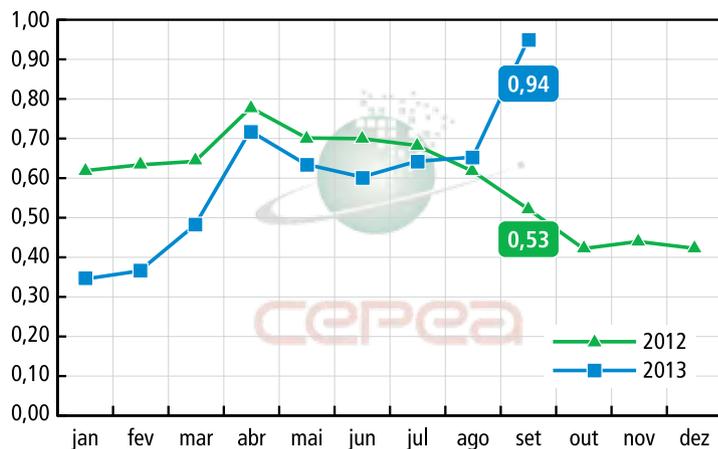
Melhor qualidade e oferta restrita favorecem mercado

Com a chegada da primavera e consequente aumento das temperaturas, se confirma a perspectiva de melhora na qualidade da banana nas principais regiões produtoras do País. Em setembro, o clima mais quente já favoreceu o desenvolvimento, mas parte dos frutos colhidos ainda estava com qualidade aquém da ideal. Tanto para a nanica quanto para a prata, os principais problemas relatados eram o escurecimento da casca (*chilling*) e o calibre reduzido. A temperatura mais alta em outubro também pode impulsionar o volume colhido. No entanto, ao contrário do observado em 2012, não deve haver concentração de oferta. Além disso, o clima mais quente pode favorecer a procura. Em setembro, os preços da banana nanica já se sustentaram. A prata, porém, desvalorizou, devido à qualidade mais baixa frente à nanica e à boa oferta em Bom Jesus da Lapa (BA) e no Norte de Minas Gerais. No atacado de São Paulo (Ceagesp), a banana nanica teve média de R\$ 1,25/kg em setembro, 30% superior a agosto. A prata litoral, por sua vez, recuou 10% no período, cotada a R\$ 1,43/kg.



Preços mais firmes trazem ânimo à bananicultura

Nos últimos meses, os preços da banana estiveram mais firmes nas principais regiões produtoras, estimulando melhores tratamentos culturais. Assim,



Preço da nanica dispara com baixa oferta

Preços médios recebidos por produtores do Vale do Ribeira pela nanica - R\$/kg

Fonte: Cepea

no Vale do Ribeira (SP) tem sido intensificado o controle da *sigatoka*, doença cuja incidência estava mais alta na primeira metade do ano. A melhor remuneração tem sido suficiente, também, para que sejam retomados investimentos em tecnologia nos bananais e para sustentar a área plantada. No Norte de Minas Gerais, inclusive, pequenos produtores começaram a expandir suas áreas, por incentivo do Projeto Jaíba. Já em regiões como o Norte de Santa Catarina e o Vale do Ribeira, a legislação ambiental dificulta a expansão, e a remuneração não está tão elevada para estimular investimentos em área. Entre janeiro e setembro, os preços da nanica tiveram média de R\$ 0,49/kg, 45% acima do valor mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura na média de todas as regiões acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea. Para os próximos meses, a aposta é de oferta relativamente escalonada, o que pode manter satisfatória a remuneração do produtor.

Norte de SC deve reduzir envios à Argentina

Os envios de banana nanica feitos pelo Norte de Santa Catarina com destino à Argentina devem perder ritmo nos próximos meses. A oferta no mercado interno deve seguir controlada, de modo que pode ser mais vantajoso manter a fruta no Brasil do que enfrentar os preços praticados no país vizinho, onde a concorrência é acirrada. De outubro a dezembro de 2012, a maior parte da banana importada pela Argentina foi do Equador (63%) e da Bolívia (29%). O Brasil respondeu apenas por 8% do volume comprado pelos argentinos, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística e Censos da Argentina (Indec), disponibilizados pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Na parcial deste ano, a exportação brasileira esteve mais elevada que no mesmo período de 2012. De janeiro a agosto, segundo a Secex, os envios de banana à Argentina totalizaram 12,6 mil toneladas, quase o dobro do observado nos mesmos meses do ano passado. Em receita, a alta foi de 87%, totalizando US\$ 3,1 milhões.





Geada impacta na produção de maçãs

Safra de precoce do PR pode ter redução

A safra de maçãs precoces (eva e condessa) do Paraná foi prejudicada pela geada em setembro e pode ser reduzida. Do total da área em produção do Paraná, cerca de 30% já tinha frutificado e praticamente todos esses frutos foram queimados pelo frio. A floração e frutificação continuarão no mês de outubro. Se houver nova ocorrência de geadas tardias, a quebra de produção pode ser ainda maior. Quanto à gala e fuji do Paraná, as macieiras ainda devem florescer em outubro; em setembro, setembro, e o frio não afetou a produção.

Frio não causa perda em SC e RS

Setembro e outubro são caracterizados, respectivamente, pela abertura de flores e polinização das macieiras nas regiões produtoras de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Neste ano, porém, essas atividades estão atrasadas. Segundo expectativa de agentes, a plena floração deve ocorrer na primeira quinzena de outubro. Até o fechamento desta edição, as safras de gala e fuji não tinham sido prejudicadas gravemente pelo frio, mesmo com geadas em SC em setembro. Segundo agentes do setor, o dano não ocorreu para estas variedades porque produtores escalonaram, intencionalmente, as florações, justamente por receio de clima frio. O principal impacto das baixas temperaturas, no caso da gala e da fuji, será o atraso da colheita. A expectativa de agências climáticas é que outubro seja um

mês chuvoso. Caso este cenário se confirme, pode atrapalhar o trabalho das abelhas. Na tentativa de amenizar a dificuldade de floração, alguns produtores têm posicionado mais colmeias nos pomares.

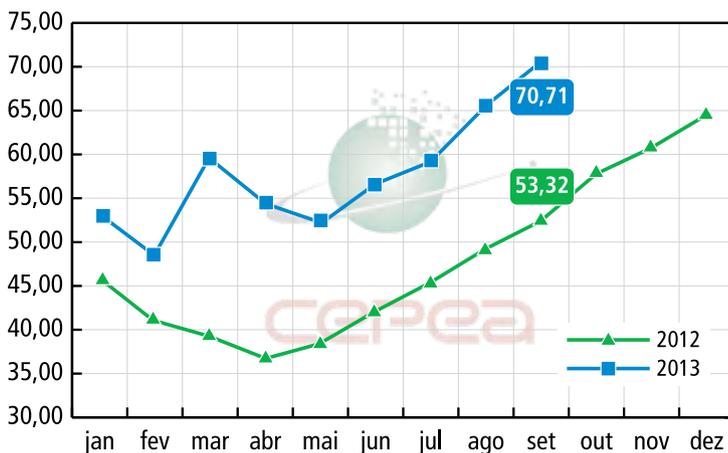
Mercado doméstico mais lento com preço alto

As vendas de maçã, sobretudo no atacado de São Paulo (Ceagesp), devem seguir lentas em outubro. De modo geral, os preços elevados têm retraído a demanda pela fruta, que estava firme até agosto. Os preços vêm aumentando gradativamente por conta da oferta mais restrita e controlada. Além disso, a fruta já apresenta alguns problemas de qualidade relacionados ao armazenamento prolongado, mesmo as estocadas em câmaras com atmosfera modificada e controlada. As maçãs estão senescentes e com baixa pressão de polpa. Em outubro os preços podem aumentar ainda mais.



Importação pode superar exportação em valor monetário

A entrada de maçã estrangeira no Brasil está maior em 2013. O volume importado até agosto foi de 40,8 mil toneladas, alta de 20% frente ao mesmo período de 2012, segundo dados da Secex. Em valores monetários, a soma foi de US\$ 43,5 milhões no período, alta de 29% na mesma comparação. Isso porque, além do maior volume, os preços (FOB) estão maiores (em dólar) frente aos de 2012. Na parcial deste ano, a maçã importada teve preço médio de US\$ 1,06/kg, 8% maior que os de 2012, no mesmo período. Como as compras externas ainda seguem até dezembro, podem encerrar o ano em patamares expressivos, especialmente em valor gasto. Inclusive, caso a aquisição de maçã estrangeira, até dezembro, siga o mesmo padrão dos anos anteriores, a despesa com importação pode até mesmo superar a receita com exportação. Até agosto, o Brasil exportou 85 mil toneladas, com receita de US\$ 62,8 milhões, segundo a Secex.



Preço da gala sobe e é o maior do ano

Preço médio de venda da maçã gala Cat 1 (calibres 80 - 110) na Ceagesp - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepea





ENTREVISTA: Celso Pelози

“AS DIFICULDADES EM LIDAR COM LEGISLAÇÕES TRABALHISTAS E MÃO DE OBRA ESTÃO FORÇANDO PRODUTORES A MECANIZAR CADA VEZ MAIS”

Formado em Administração de Empresas pela Faculdade Casa Branca (Facab), Celso Pelози é gerente comercial e responsável pela colheita mecanizada de batata da Terra Viva, empresa que possui fazendas em Vargem Grande do Sul (SP) e no Cerrado Mineiro.

Hortifruti Brasil: Quando e por qual motivo a Terra Viva resolveu mecanizar a colheita em sua fazenda?

Celso Pelози: O motivo se deve sobretudo ao elevado custo com a colheita semimecanizada. Além disso, a pressão com a mão de obra nos últimos anos é outro ponto que impactou bastante na tomada de decisão. Não apenas a pressão sobre o elevado custo da mão de obra, mas a falta e a dificuldade de contratação desta para a colheita manual, além das exigências cada vez maiores da legislação trabalhista. Com a mecanização, a empresa ganha agilidade no processo de colheita para atendimento dos clientes. Outro fator positivo na colheita mecanizada é que evita desperdício de batata, pois as perdas são menores que na semimecanizada.

HF Brasil: Houve problemas em adaptar as máquinas nas fazendas ao mecanizar a colheita?

Pelози: Não tivemos problemas, pois fizemos uma avaliação das máquinas disponíveis no mercado, e adquirimos uma compatível com as condições das nossas áreas de cultivo, sobretudo quanto ao tipo de solo.

HF Brasil: Já podemos dizer que a área de produção de batata da Terra Viva é mecanizada?

Pelози: Até o momento, aproximadamente 90% da nossa área de cultivo já é mecanizada. A partir de 2014, a programação é que a colheita de 100% da área seja mecanizada para todos os segmentos da nossa produção de batata: mercado, indústria e sementes.

HF Brasil: Desde quando iniciaram a mecanização até o momento, houve evolução nas máquinas disponíveis no mercado?

Pelози: Desde a compra da primeira máquina, houve melhorias nos modelos que usamos (AVR 6200 e 8200). A evolução está principalmente na ponta de eixo e na mudança de posicionamento das esteiras, que eram os principais pontos fracos, além de outras melhorias.

HF Brasil: Quais foram os principais benefícios para a empresa com a adoção do sistema de colheita mecanizada?

Pelози: Houve redução de perdas de batata no campo, agilidade na colheita, possibilidade de colheita com condições de

solo molhado, possibilidade de colher à noite, redução da dependência de mão de obra, entre outros.

HF Brasil: Quais pontos o produtor deve se atentar ao implantar a colheita mecanizada na região?

Pelози: O principal ponto a ser avaliado é o manejo do solo. O solo deve ser bem preparado e ficar livre de torrões, pois estes não são totalmente retirados pela máquina, e acabam indo para a lavadeira. A amontoa deve ser realizada de maneira a não produzir mais torrões. Também deve haver um rígido controle de plantas daninhas – no momento da colheita o campo deve estar livre de plantas daninhas, para não dificultar o desempenho da máquina.

HF Brasil: Por serem importadas, como é a manutenção técnica (peças para reposição, ferramentas específicas, manutenção, etc.) das máquinas adquiridas pela Terra Viva?

Pelози: Temos mecânicos internos e operadores dentro da empresa que já adquiriram experiência com as máquinas, tanto na operação e regulagens, como na manutenção. Como são máquinas importadas, precisamos manter contatos com os fornecedores para eventuais reposições de peças. Além disso, deve haver um estoque mínimo de itens de manutenção na fazenda. Conseguimos comprar a maioria das peças de reposição aqui no Brasil mesmo. A mecânica da AVR é bem simples, não há necessidade de ferramentas especiais.

HF Brasil: Quanto ao planejamento operacional dessa máquina, há necessidade de um planejamento específico, diferente do sistema semimecanizado? Quais são as principais diferenças?

Pelози: O sistema é bem prático, diminui boa parte das operações comparando com a colheita semimecanizada. O que precisa é de um bom programa de manutenção preventiva, deixando a máquina disponível para operação o máximo de tempo possível.

HF Brasil: Qual é o percentual da área da região da sua empresa que você estima que a colheita já seja mecanizada?

Pelози: Na região de Vargem Grande do Sul (SP), temos seis grandes produtores que estão com máquinas realizando a colheita, o que deve representar cerca de 20% da área plantada de batata.



ENTREVISTA: Roni Amaral

“ESTOU À DISPOSIÇÃO DAS EMPRESAS QUE QUISEREM TRAZER SUAS MÁQUINAS PARA TESTARMOS EM NOSSA REGIÃO”

Roni Amaral é bataticultor há 14 anos nas regiões de Ipuiúna, Pouso Alegre e Alfenas, no Sul de Minas Gerais. É também presidente da Associação dos Bataticultores de Ipuiúna e Região (Abir).

Hortifruti Brasil: Quantos hectares de batata você cultiva atualmente?

Roni Amaral: Para este ano meu planejamento é cultivar 100 hectares de batata.

HF Brasil: A área da sua fazenda é similar da que avaliamos na matéria desta edição: é uma área viável para o investimento em uma colhedora que faça toda a colheita da batata, sem que haja necessidade de uma equipe de catação. Você já pensou em mecanizar a sua colheita?

Amaral: Sim, embora o sistema de colheita que adoto ainda não seja o mecanizado e é menos custoso, já estou avaliando a viabilidade em adotar um sistema de colheita mecanizada. O principal fator que vem me motivando a modificar o sistema de colheita é em função do número de trabalhadores, que está cada vez menor, o que torna a mecanização mais competitiva.

HF Brasil: Em quanto tempo o senhor acha que adotará o sistema mecanizado?

Amaral: Como eu disse, já pensei em migrar do sistema semimecanizado para o mecanizado, no entanto deve-se ter cautela a respeito de adquirir uma colhedora. Muitos pontos devem ser avaliados, colocar na balança todos os prós e contras de uma colheita mecanizada de acordo com a realidade da produção. Por exemplo, uma questão que devo avaliar é que mudamos muito as áreas de cultivo de uma safra para a outra devido à necessidade de rotação de cultivo, intrínseca à bataticultura. A distância de uma área a outra chega a ser até acima de 150 km. Então, essa logística deve ser avaliada.

HF Brasil: As diferenças no manejo e no planejamento entre os sistemas de colheita mecanizada e semimecanizada seria outro fator que te inibe a mecanizar?

Amaral: No caso da nossa região, onde o principal período que colhemos batata é no final do ano (durante a safra das águas), essas diferenças são muito importantes a se considerar quando se pensa em mecanização. Durante a safra das águas, geralmente o solo fica muito encharcado, e isso provavelmente dificultaria a operação das máquinas. Então, posso dizer que para a região do Sul de Minas, dentro da microregião de Ipuiúna, o principal ponto que deve ser considerado é principalmente as condições edafoclimáticas da região e principal período de

safra, além, claro, de outros pontos específicos de cada região.

HF Brasil: Você já avaliou alguma colhedora de batatas? Se sim, qual foi o modelo da máquina e qual foi sua conclusão sobre o desempenho dela dentro do sistema de colheita mecanizada?

Amaral: As máquinas que avaliei foram da Grimme. A impressão que tive foi de um bom desempenho. No entanto, esta avaliação foi feita em um terreno pouco acidentado. Uma avaliação mais precisa para a realidade do Sul de Minas Gerais teria que ser feita em áreas mais acidentadas, característica da minha região.

HF Brasil: Em sua opinião, da área cultivada com batatas no Brasil, qual o percentual onde a colheita é mecanizada (processo de colheita 100% mecanizado, sem catação)? E na sua região?

Amaral: Acredito que do total cultivado no Brasil uns 20% da área já deve ser mecanizado. Na minha região ainda não há colheita mecanizada.

HF Brasil: Em relação à qualidade da batata, ela é melhor no sistema mecanizado que no semimecanizado?

Amaral: Não posso afirmar com certeza se um ou outro é melhor, mas da experiência que tenho cultivando batatas, quando há um bom manejo, o resultado é sempre satisfatório. Assim, acredito que nos dois sistemas, se forem seguidas as recomendações corretas, se houver uma boa avaliação para cada realidade e se as máquinas estiverem bem reguladas, o produtor conseguirá colher uma batata de boa qualidade, independente do sistema de colheita.

HF Brasil: Você conhece produtores que vem adotando o sistema de colheita mecanizado?

Amaral: Sim, conheço. Com os produtores que já conversei, estão bastante satisfeitos com os resultados.

HF Brasil: Há mais alguma consideração que queira fazer?

Amaral: Queria agradecer a equipe da **Hortifruti Brasil** pelo trabalho em parceria com o produtor de batatas, e pelo apoio que recebemos aqui na Associação dos Bataticultores de Ipuiúna e Região (Abir). E dizer que estou à disposição das empresas que quiserem trazer suas máquinas para testarmos em nossa região. ■

**MAIS prevenção
para MAIS culturas**



ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO



Faça o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte constantemente as embalagens e restos de produtos.
Use exclusivamente agrícola.

CONSENTO

INFINITO

NATIVO

MYTHOS

SERENADE

CONNECT

o.b.e.r.o.n

BELT



TRATAMENTO DE PRIMEIRA!



Pulsor® 240 SC é também o primeiro tratamento de "blindagem" contra a Rhizoctoniose (*Rhizoctonia solani*) na Batata.

A ação protetora, curativa e com residual prolongado de Pulsor® 240 SC protege sua lavoura por todo o ciclo da cultura.

Os resultados obtidos são consistentes. Confirar!

www.dowagro.com.br
0800 772 2492

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



Pulsor® 240 SC
FUNGICIDA



Dow AgroSciences

Soluções para um Mundo em Crescimento®

Mude para melhor,
plante melancia
híbrida Explorer.



PARA USO DOS CORREIOS

- | | |
|--|--|
| 1 <input type="checkbox"/> Mudou-se | 2 <input type="checkbox"/> Falecido |
| 3 <input type="checkbox"/> Desconhecido | 4 <input type="checkbox"/> Ausente |
| 5 <input type="checkbox"/> Recusado | 6 <input type="checkbox"/> Não procurado |
| 7 <input type="checkbox"/> Endereço incompleto | 8 <input type="checkbox"/> Não existe o número |
| 9 <input type="checkbox"/> _____ | 10 <input type="checkbox"/> CEP incorreto |

Reintegrado ao Serviço Postal em ____/____/____
Em ____/____/____ Responsável _____

Impresso Especial
FEALQ
9912227297-2009 - DR/SPI
... CORREIOS ...



Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829
e-mail: hfcepea@usp.br

IMPRESSO



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

Melancia
Explorer



NOVA TECNOLOGIA

- Resistente a viroses (WMV e ZYMV)
- Sementes grandes para plantio
- Precocidade

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

www.AGRISTAR.com.br
Tel.: 24 2222-9000

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429.8808 Fax: (19) 3429.8829
E-mail: hfcepea@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil